

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

**DANIELLE PEREIRA CARVALHO**

**OS DESAFIOS NA PROMOÇÃO DA EQUIDADE DE GÊNERO NO CENTRO DE ENSINO  
MARIA ÁGUIDA, NA CIDADE ESPERANÇA**

São Bernardo – MA

2018

**DANIELLE PEREIRA CARVALHO**

**OS DESAFIOS NA PROMOÇÃO DA EQUIDADE DE GÊNERO NO CENTRO DE  
ENSINO MARIA ÁGUIDA, NA CIDADE ESPERANÇA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Humanas/Sociologia.

**Orientadora:** Profa. Dra. Amanda Gomes Pereira

São Bernardo – MA

2018

Pereira Carvalho, Danielle

Os desafios na promoção do debate de gênero no Centro de Ensino Maria Águida, na cidade Esperança / Danielle Pereira Carvalho - São Bernardo, 2018.

55 f.

Orientador (a): Amanda Gomes Pereira

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, 2018.

1.Desafios 2. Discussão de gênero 3. Escola 4.Professores . 5. Questões de Gênero.

**DANIELLE PEREIRA CARVALHO**

**OS DESAFIOS NA PROMOÇÃO DO DEBATE DE GÊNERO NO CENTRO DE  
ENSINO MARIA ÁGUIDA, NA CIDADE ESPERANÇA**

Monografia apresentada a Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Humanas com a habilitação em Sociologia.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Amanda Gomes Pereira

Monografia aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Amanda Gomes Pereira (Orientadora)

Dr<sup>a</sup>. em Sociologia

Universidade Federal do Maranhão

---

Prof. Dr. Clodomir Cordeiro de Matos Júnior (1<sup>o</sup> examinador)

Dr. em Sociologia

Universidade Federal do Maranhão

---

Prof. M.s João Pedro Santiago (2<sup>o</sup> examinador)

M.s em Ciências Sociais

Universidade Federal do Maranhão

Dedico este trabalho a meu avô Bernardo Fernandes *In memoriam* e a meus pais, por todos os ensinamentos a quem serei eternamente grata.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, por ter me proporcionado chegar até aqui e por ter me apoiado em todos os momentos dessa caminhada.

A meus pais, por todos os ensinamentos, carinho, proteção, cuidado, por me apoiarem durante toda essa trajetória, pela compreensão em todas as ausências devido aos compromissos do curso. Gratidão, a vocês meus amores por tudo.

A meu avô materno Bernardo Fernandes *In memoriam*.

A minha avó materna Maria Pereira (Maricota) por todo amor e cuidado.

A minha bisavó Deusuete *In memoriam*.

A meu irmão Danilo Pereira.

A todos os meus tios e tias.

Em especial a minha Orientadora Dra. Amanda Gomes Pereira, a quem sou grata pela colaboração e pelas preciosas contribuições nesta pesquisa. Muito obrigada pelas orientações, dedicação, sabedoria, paciência, disposição e por todo apoio.

Agradeço aos amigos a grande contribuição na troca de conhecimentos em especial a Thyarles Soares Lima parceiro do estágio e desde o início do curso, Bianca Souza Amorim amiga da UFMA para a vida, gratidão pela amizade e pelo apoio em minha trajetória acadêmica. Keline Costa amiga e parceira de alguns seminários valeu por todos os conselhos e colaborações nos trabalhos. A todos da turma LCH 2012.2 que mesmo com todas as diferenças formávamos uma turma em que todos são merecedores de suas conquistas.

Agradeço a Tereza Dávila por prontamente ter aceitado fazer colaborações valiosas na monografia.

Ao colega Benedito Reis pelo apoio e colaboração com os gráficos.

Agradeço as colegas da turma LCH 2014.2 Luana Sousa, Lucidalva, Dayara e Patrícia, a “Patty”, pelas partilhas de conhecimentos e risadas nas tardes da disciplina optativa “Educação Inclusiva” ministrada pela professora Marinea Marinho, gratidão também a você professora, por esta disciplina maravilhosa.

À Vanessa Carvalho turma LCH 2013.2 pela amizade, troca de aprendizados, e pela companhia em algumas vindas da UFMA.

Agradeço também aos caros colegas da Chapa “Nada será como antes” do DCE Gizele Santos, Mateus Silva, Paulo Victor, Emerson Braga e Luís Porto pela campanha linda, gestão grandiosa e pela representatividade.

A todos os professores do curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, campus São Bernardo que direta e indiretamente contribuíram na minha trajetória durante o curso.

Aos professores Clodomir Cordeiro e João Santiago por aceitarem participar da banca, pelas contribuições e sugestões que serão super válidas no intuito de enriquecer a monografia.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. PAULO FREIRE.



## RESUMO

O presente trabalho objetivou analisar os desafios na promoção do debate sobre questões de gênero pelos professores nas salas de aulas no centro de ensino Maria Águida, localizada na cidade Esperança. Dessa forma buscou – se mapear se os professores discutem acerca das questões de gênero em sala de aula, bem como descrever a percepção dos professores sobre a temática e quais as opiniões deles a respeito do assunto. A pesquisa seguiu a linha de uma abordagem qualitativa, dividida em duas partes: a entrevista semiestruturada e a pesquisa de campo. Para tanto foram feitas entrevistas semiestruturadas com oitos professor@ do ensino médio, também observações de algumas das salas de aula, bem como o cotidiano da escola com o objetivo de analisarmos dinâmicas que acontecem no espaço escolar que contribuem para a reprodução das desigualdades.

**Palavras-chave:** Desafios. Discussão de Gênero. Escola. Professores. Questões de Gênero.

## **ABSTRACT**

The present study aimed to analyze the challenges in promoting the debate on gender issues by teachers in classrooms at the Maria Águida educational center, located in the city of Esperança. In this way, we tried to map if the teachers discuss about the gender issues in the classroom, as well as to describe the teachers' perception about the theme and their opinions about the subject. The research followed the line of a qualitative approach, divided in two parts: the semistructured interview and the field research. In order to do so, we conducted semi-structured interviews with eight middle school teachers, as well as observations of some of the classrooms, as well as the daily life of the school with the purpose of analyzing the dynamics that occur in the school space that contribute to the reproduction of inequalities.

Keywords: Challenges. Gender Discussion. School. Teachers. Gender Issues.

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Gênero .....	43
Gráfico 2: Escolaridade .....	43
Gráfico 3: Religião .....	44
Gráfico 4: Qual cor você se declara? .....	45
Gráfico 5: Durante sua formação, teve acesso a alguma formação voltada para as questões de gênero?.....	45
Gráfico 6: Acha a questão de gênero um tema importante de ser trabalhado na sala de aula? .....	46
Gráfico 7: No caso de desenvolvimento de uma proposta da questão na escola, haveria apoio da direção e dos demais colegas? .....	47
Gráfico 8: A discussão sobre a temática de gênero está presente em seu cotidiano familiar? .....	48

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1 – DISCUSSÃO DE GÊNERO NA ESCOLA .....</b>	<b>14</b>
1.1 Gênero e Currículo .....	18
1.2 A importância de trabalhar com as questões de gênero.....	20
1.3 Dinâmicas que acontecem na escola que contribuem para a reprodução das desigualdades .....	21
1.4 Educação com possibilidades de equidade de gênero .....	22
<b>CAPITULO 2 – RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS DOS PROFESSORES COM AS QUESTÕES DE GÊNERO.....</b>	<b>28</b>
2.1 Percurso histórico da pesquisa.....	28
2.2 Descrição do campo da pesquisa .....	28
2.3 A importância da pesquisa de campo .....	31
2.4 A metodologia da pesquisa de campo: por que a entrevista semiestruturada?.....	32
2.5 Público Alvo .....	32
2.6 A coleta de dados.....	32
<b>CAPITULO 3 – GÊNERO NAS FALAS DOS PROFESSORES .....</b>	<b>34</b>
3.1 Resultados da pesquisa com os professores .....	43
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>51</b>
Apêndice A:.....	54
Apêndice B: .....	55

## INTRODUÇÃO

A presente monografia tem por tema os desafios na promoção do debate sobre as questões de gênero pelos professores nas salas de aula no Centro de Ensino Maria Águida, localizada na cidade Esperança e tem como principal foco fazer uma análise dos desafios que impossibilitam uma possível educação com equidade a partir das falas e posturas dos professores entrevistados. Apesar da existência de uma hipótese cada pesquisa precisa esclarecer seu objeto de estudo para que assim possa investigar um determinado problema. Desse modo foi necessário identificar as barreiras que impedem à promoção de uma discussão na escola que foi realizada a pesquisa.

Para termos clareza no que seria investigado destacamos alguns objetivos tanto geral como específicos que foram norteadores para o desenvolvimento da pesquisa: mapear se os professores discutem acerca das questões de gênero em sala de aula, descrever a percepção dos professores sobre a temática e quais as opiniões deles acerca do assunto, descrever dinâmicas que acontecem no espaço escolar que contribuem para a reprodução das desigualdades.

Através da realização desta pesquisa investigamos como são as práticas educativas em relação à temática pesquisada. Para tanto, foram feitas pesquisas bibliográficas com o objetivo de melhor compreender o objeto de estudo e para identificarmos os pontos de vista dos diferentes autores, que retratam o assunto aqui analisado.

Além disso, também foram feitas pesquisa de campo através de entrevistas realizadas com os professores do Ensino Médio do Centro Maria Águida, bem como observações da rotina da escola no intuito de identificar como os espaços de ensino se configuram de maneira generada.

Na estrutura da monografia, apresentaremos no primeiro capítulo do trabalho, um breve percurso da discussão de gênero na escola, destacando a grande necessidade de gênero no currículo, a importância de se trabalhar as questões de gênero, educação sem machismo, dinâmicas que contribuem na reprodução da desigualdade.

Para melhor compreensão sobre o assunto, no segundo capítulo, mostraremos o percurso da pesquisa, metodologia utilizada, a descrição do campo da pesquisa, a importância da pesquisa de campo, público alvo, a coleta de dados.

No terceiro capítulo, analisamos as falas dos professores entrevistados, descrevendo as entrevistas e a percepção das práticas dos professores sobre as questões de gênero e por fim os resultados sobre os professores pesquisados. Finalizamos com as considerações finais acerca

do estudo realizado, ressaltando a grande colaboração que a escola como os docentes possuem em construir um ensino que respeite os valores, e as identidades de gênero dos educandos.

## CAPÍTULO 1 – DISCUSSÃO DE GÊNERO NA ESCOLA

A presente pesquisa tem por objetivo analisar os desafios na promoção do debate sobre questões de gênero no Centro de Ensino Maria Águida<sup>1</sup>, localizada na cidade Esperança<sup>2</sup>. Durante o período de estágio supervisionado do ensino médio no ano de 2016, tivemos a oportunidade de acompanhar a dificuldade de certos/as professores em colocarem em prática o debate sobre as questões de gênero na sala de aula. Observamos que eles/elas acabam reproduzindo uma educação não inclusiva, na qual as meninas são ensinadas a serem frágeis e os meninos a serem fortes papéis tradicionais de gênero, ou seja, ensinam os alunos a reproduzirem os padrões de gênero. Segundo a pesquisadora Viviana Santiago (2016), a dificuldade de trabalhar gênero na escola é porque acredita - se que esse não está lá, fruto da naturalização dos papéis que acabam reforçando ações e práticas no âmbito escolar.

O conceito de gênero surge com o propósito de desnaturalizar a oposição binária entre masculino e feminino. A categoria gênero vai se construindo socialmente e culturalmente ao longo do tempo e da vida principalmente nas nossas relações interpessoais. Como destaca Joan Scott (1995), após o surgimento dessa categoria: “Masculinidade e feminilidade passariam a ser encaradas como posições de sujeitos, não necessariamente a machos e fêmeas biológicas” (SCOTT, 1995, pg. 89). Nesse sentido, ao invés de destino ou de prática determinada pelo nascimento, seriam relações estabelecidas pelo sujeito. Em síntese Scott destaca que:

O gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita exclusivamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens tem uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” à criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e as mulheres. (SCOTT, 1995, pg. 75)

Seguindo essa mesma perspectiva de Scott a pesquisadora brasileira Margareth Rago, inclusive pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos do Gênero Pagu escreveu no ano de 1998 nos cadernos pagu um texto intitulado “Descobrimos historicamente o gênero” para ela:

A categoria do gênero permitiu, portanto sexualizar as experiências humanas, fazendo com que nós déssemos conta de que trabalhávamos com uma narrativa extremamente dessexualizadora, pois embora reconheçamos que o sexo faz parte constitutiva de nossas experiências, raramente este é incorporado enquanto dimensão analítica. É claro que não estou me referindo apenas à importância dos estudos da sexualidade, como a história do amor, das práticas sexuais, da prostituição ou da homossexualidade. Muito mais do que isto, penso na dimensão sexual que constitui nossa subjetividade e que habita nossas práticas cotidianas, muito além das relações especificamente sexuais, como as entendemos. Uma

<sup>1</sup> Criamos esse nome fictício para a escola pesquisada, em respeito às normas do Código de Ética da ABA (Associação Brasileira de Antropologia, 2011/2012), que exige a Academia Científica.

<sup>2</sup> Nome fictício da cidade onde realizou - se a pesquisa.

partilha cultural que se tem até recentemente considerado como fundamental entre o universo masculino e o feminino, separando os corpos e opondo - os entre si. Ao mesmo tempo o desejo é pouco pensado e problematizado em nossos estudos, mesmo porque temos ainda operado com categorias pouco flexíveis que dão conta de algumas dimensões das relações sociais, muito mais racionais do que emocionais, psíquicas, intuitivas, sentimentais e afetivas, o que sem dúvida empobrece demais a experiência humana.

A categoria do gênero permitiu nomear campos das práticas sociais e individuais que conhecemos mal, mas que intuímos de algum modo (RAGO, 1998, pg. 92).

As relações de gênero se transformam de acordo com a cultura e tempo. A socialização faz com que o termo gênero se refira ao modo como os papéis de gênero são apreendidos e tem impacto sobre todas as pessoas. “A socialização nos leva a adotar atitudes e expectativas sobre homens e mulheres. Para que ocorram relações de gênero mais equânimes nas escolas, os/as professores têm que encorajar meninas e meninos igualmente em seus processos de apreensão de conhecimento. Há de serem capazes de propor ferramentas que permitam considerar as situações através de modos, ressaltando as condições cognitivas, sociais e emocionais dos meninos e meninas” (PLAN, 2016, pg. 13).

O próprio Plano Nacional de Educação (2014-2024), em seu artigo 2º, “prevê a implementação de programas e políticas educacionais destinados a combater toda forma de discriminações existentes na escola, entre elas, a que se referem às desigualdades de gênero, de raça e de orientação sexual e de identidade de gênero” (BRASIL, 2015, pg.22).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) 1998 contém as formas que os professores podem estar ministrando a respeito das questões de gênero no âmbito escolar. Explica, sobre as questões de gênero, em que os professores devem apresentar a importância da igualdade de gênero e da diversidade para cada aluno, e de também saber lidar orientando sobre todas as problemáticas existentes tanto na escola como na sociedade. Os próprios docentes precisam estar ministrando sobre respeito e direitos, bem como lidar e passar a respeitar a opinião de todos os alunos, e nesse meio-termo garantir a participação de todos independentes do gênero, mostrando os problemas que o preconceito pode causar bem como seu impacto. A importância de ministrar temas relacionados à igualdade possibilita criar e impulsionar os alunos para que percebam o real valor e significado de poder respeitar os demais, isso resulta num diálogo que facilitará a desnaturalização:

Nesse sentido, a escola tem a responsabilidade de não contribuir para que ocorram preconceitos contra as meninas e contra aqueles que não correspondem ao discurso de masculinidade dominante, por exemplo: capazes de gerar sujeitos inventivos, participativos, cooperativos, preparados para as diversificadas inserções sociais, políticas, culturais, laborais e ao, mesmo tempo, de intervir e problematizadora as formas de produção e de vida (Diretrizes, 2011, p. 9).

De acordo com as novas Diretrizes Nacionais do Ensino Médio 2012, a educação deve estar pautada como um direito social, em que deve ser realizada de acordo com os valores



culturais, éticos e morais, e que passe a difundir os aprendizados construídos pelas pessoas. No entanto, a educação tem que refletir como um direito e também com um elemento importante para a efetivação da cidadania e de transformação das práticas sociais.

Nesse sentido, a educação deve estar pautada por valores democráticos, com o propósito que todos que estão inseridos possam usufruir dos seus deveres e direitos em pleno gozo, deixando de lado essa lógica de que meninas e meninos não têm direitos iguais e que são criticados por serem o que são. Antes mesmo de a criança nascer essa diferença binária é posta. Essa divisão acaba levando a distintas ocupações do espaço por homens e mulheres. No período da passagem do Império para a República as escolas de meninos e meninas eram separadas. Como ressalta Alessandra Schueler:

No currículo das escolas de meninos continha ensino específico de álgebra, geometria, gramática, história e geografia pátrias. A educação e o currículo das escolas das meninas continha ensinamentos de doutrina cristã, a leitura, a escrita, cálculo acrescentado de aulas de agulha, bordados e costura. A formação da mulher visando à vida doméstica, em detrimento da vida pública, reservada aos homens, era o ideal da instrução primária feminina. Preocupações com a educação secundária, mormente objetivando criar a carreira do magistério feminino, surgiram com maior frequência a partir de 1870. De fato, antes dessa época, o número de escolas de meninas permaneceu inferior ao número das de meninos (SCHUELER, 1999, p. 8).

Essa divisão de conteúdos reflete como a educação foi pensada e estabelecida. A escola por ser um espaço das relações de poder, uns sempre vão ser favorecidos, enquanto outros acabam excluídos.

Acompanhamos essa reprodução da desigualdade em três salas diferentes (1º ano B, 1º ano C e 2º ano B) os valores de gênero são ressaltados em sala de aula, reproduzindo comportamentos. As meninas ainda na fase da infância são ensinadas para o cuidado, ou seja, para o instinto maternal e seus corpos são treinados para serem mais delicados em relação aos meninos em síntese para as meninas é naturalizada a questão do cuidado, já os meninos são ensinados para a agilidade, para o raciocínio lógico isso acaba refletindo na sua escolarização.

Nesse período de observação e regência do estágio só nos deparamos com um professor que inclusive é da área de sociologia que debatia as questões de gênero em sala de aula. No próprio livro de sociologia intitulado **Sociologia Hoje** que era utilizado no ensino médio contém a questão da desnaturalização dos fenômenos sociais. Por exemplo:

Tomemos o exemplo do trabalho feminino para entender melhor o que significa “desnaturalizar” para muitas pessoas, o fato de o trabalho doméstico ser feito principalmente pelas mulheres parecia natural. Essas pessoas acreditavam que era da ordem das coisas que as mulheres trabalhassem enquanto os homens assistiam ao futebol na televisão. Ou que as mulheres cuidassem da casa e das crianças enquanto os homens trabalhavam fora para sustentar a família. Muitas mulheres, entretanto, insatisfeitas com essas diferenças, começaram a se perguntar por que as coisas eram assim. (...) Assim, a pergunta levou a desnaturalização do trabalho feminino: é uma desigualdade de poder que estabelece essas diferenças, não uma realidade “natural”. As perguntas certas provocaram um olhar crítico sobre aquilo que parecia natural.

Desde fins do século XIX, o movimento feminista tem levantado essas e outras questões, buscando mudar relações desiguais. (**Sociologia Hoje**, 2013, pg. 11). No século XXI, depois de quase um século de lutas feministas, grande parte das mulheres do mundo ocidental tem participação significativa na sociedade, tanto no trabalho quanto na arte e/ ou na política. O conceito dos papéis femininos mudou com o tempo, porque mudaram também os contextos onde esse conceito foi produzido (**Sociologia Hoje**, 2013, p. 18).

Muitos professores ainda tratam as desigualdades de gênero como algo natural, mostrando-se despreparados para promover atividades que trabalhem a diversidade em sala de aula. Algo precisa ser revisto, porque uma educação com debate de gênero ajudaria muito a resolver os conflitos existentes. Desse modo, a escola é impregnada de diferenças, exclusão e desigualdades. Segundo Guacira Louro:

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas (LOURO, 1997, p. 57).

A falta de preparo e de saber dialogar começa na formação dos professores na qual muitas das vezes não é incluída uma parte específica direcionada para o tema gênero, em que os mesmos não são estimulados e ensinados a terem conhecimento a determinados temas transversais, por exemplo, questões de gênero, combate ao racismo. Na qual possibilita a alguns a pensarem que trazer o debate para sala de aula não trará bons resultados e discriminação. Sendo que com isso, estarão reproduzindo a distinção no cotidiano com seus alunos:

Uma escola que leva em consideração e compreende sua comunidade assume o trabalho cotidiano de lidar com os problemas, o que implica vê-los, escutá-los, reconhece-los e, sobretudo dar-lhes espaço, abrir-lhes as portas. Negar os conflitos e problemas, ocultá-los ou ignorá-los não detém a violência; ao contrario, leva a sua potencialização, naturalização e legitimação (PLAN, 2016, p. 9).

Para ministrar sobre diversidade em sala de aula o professor precisa se aprofundar nos temas transversais e também saber dialogar com os alunos trazendo para os mesmos exemplos pertinentes no seu dia a dia como preconceito e debate de gênero. O professor tem o papel de instigar a importância da diversidade fazendo com que os alunos entendam que todos são iguais e necessitam de respeito. Desse modo, estimular e formar pessoas que respeitem as diferenças.

Mas dificilmente isso é colocado em prática pelos professores, que muitas vezes não reconhecem a importância de se trabalhar os temas transversais e acabam colocando somente em prática os preconceitos em relação a esses temas.

Tal afirmação pode ser ilustrada com o seguinte exemplo: no período do estágio supervisionado do ensino médio no Centro de Ensino Maria Aguida, nós e nosso colega de estágio tivemos a oportunidade de ouvir diversos relatos dos alunos principalmente das alunas falando de um determinado professor. Nas turmas do 1º ano A, 1º ano B, 1º ano C ministramos o conteúdo do livro acerca do evolucionismo e as diferenças na construção do pensamento antropológico. Em um determinado dia ministramos esse conteúdo na turma do 1º ano B e ao longo da aula uma determinada aluna suscitou um debate a partir do estupro coletivo sofrido por uma adolescente no Rio de Janeiro. Assim a aluna relatou que um professor comentou em sala de aula que na visão dele, a adolescente que foi violentada teria culpada devido às roupas que vista e por seu comportamento.

A partir desse relato nos perguntamos como um professor nesse nível que ao invés de trazer o debate para a turma faz é tratar como algo natural. Isso mostra claramente que muita coisa precisa ser mudada partindo da postura de como os professores se expressam reproduzindo naturalmente a cultura machista. Cultura essa que determina e julga as roupas que as meninas e mulheres devem vestir se não na visão deles estarão pedindo para serem violentadas. Na escola não é diferente desde sempre meninas foram ensinadas como deveriam se vestir até o modo de sentar e de se comportar perante os demais:

Nos mais antigos manuais já ensinavam aos mestres os cuidados que deveriam ter com os corpos e almas de seus alunos. O modo de sentar e andar, as formas de colocar cadernos e canetas, pés e mãos acabariam por um corpo escolarizado, distinguindo o menino da menina que passara pelos bancos escolares (LOURO, 1997, p.61).

## 1.1 Gênero e Currículo

Neste ponto é importante pontuar o que é currículo e posteriormente identificar o tema da diversidade incluído de gênero nos cadernos de orientações curriculares e propriamente no currículo da escola em questão, o currículo em síntese é o agrupamento dos conteúdos e conhecimentos a serem desenvolvidos na escola. De acordo com a visão de Alfredo Veiga:

Currículo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito (VEIGA, 2002, p.7).

Complementando e no intuito de identificar os conteúdos diversificados quando questionamos o diretor da escola para sabermos a existência de orientações curriculares ou caderno com orientações pedagógicas o mesmo nos respondeu a respeito do caderno de orientações pedagógicas para os anos letivos 2016/2017. Tivemos acesso a este caderno que tem como objetivo principal trazer orientações ou indicações didáticas – pedagógicas para a

organização dos conteúdos, do planejamento no intuito de indicação até dos recursos didáticos a serem trabalhados. A partir de leituras do caderno de orientações pudemos identificar um trecho que cita os conteúdos ou temas diversificados. A seguir trechos contidos nas orientações pedagógicas:

Os Cadernos de Orientações Curriculares representam uma importante estratégia de fortalecimento do Ensino Médio e um instrumento essencial para estudo e uso na jornada pedagógica dos anos letivos de 2016/2017. Eles devem orientar dentro da flexibilidade inerente a cada realidade, os momentos de planejamento docente, proporcionando unidade curricular ao trabalho pedagógico da rede de ensino. (MARANHÃO, 2016, pg. 4).

Em todos os componentes curriculares, deve-se incluir o trabalho com os temas socioeducacionais (Lei estadual 10.099/2014), na perspectiva transversal, permeando o desenvolvimento dos conteúdos na base comum e na parte diversificada, sendo eles: saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, direitos da criança e do adolescente (Lei nº 8.069/1990 – estatuto da criança e do adolescente); preservação do meio ambiente (Lei 9. 795/99); educação para o consumo; símbolos nacionais (art. 32, § 6º da LDB 9.394/96); educação fiscal, trabalho, ciência e tecnologia, diversidade cultural; educação para o trânsito (Lei 9.503/97); a condição e direito dos idosos (Lei 10. 741/2003). (MARANHÃO, 2016, pg. 12)

No currículo do Centro de Ensino Maria Águida encontrados também a parte diversificada direcionada para os temas transversais como questões de gênero, sexualidade etc, porém o que foi percebido é que alguns professores ainda não trabalham com estes temas em sala de aula, na escola em si as questões estão sendo debatidas na disciplina de sociologia, pois há um professor que realiza debates a respeito da temática e especificamente nas turmas dos 1º anos do ensino médio por no livro de sociologia conter duas partes relacionadas ao tema como, por exemplo, o trabalho doméstico e o legado do movimento feminista.

Durante a pesquisa de campo numa conversa com uma professora ela comentou que “nos 2013,2014 e 2015 foi colocado em prática o projeto intitulado “Sexualidade, Identidade e Gênero” voltado para as questões de gênero, identidade e sexualidade e a mesma cita que teve uma grande aceitação por partes dos alunos participantes. E que na visão da mesma é importante que seja retomado para que se possa lidar com esses temas tão importantes e pertinentes no nosso contexto atual e também de poder instigar os discentes a serem mais participativos e a terem conhecimentos aos temas transversais”. E para que haja mais abrangência dos temas transversais nas escolas do Estado no dia 15 de Outubro foram lançadas as sugestões curriculares para o ensino médio e no caderno de sociologia identificamos um trecho direcionado a inclusão, diversidades e modalidades:

O movimento mundial em direção aos sistemas educacionais inclusivos indica uma relação pessoal plural e unitária, voltada para a construção da cidadania, dos direitos fundamentais, do respeito á pluralidade e a diversidade étnica, de gênero, de classe social, de cultura, linguística, cognitiva, de crença religiosa e de orientação política. Ao compreender a escola nessa perspectiva, resgatar – se seu caráter democrático por meio da adoção do compromisso legal com a oferta da educação de qualidade para todos, em que a diversidade deve ser entendida e valorizada como elemento

enriquecedor da aprendizagem e dinamizador do desenvolvimento pessoal e social. O conceito de diversidade é inerente à educação inclusiva e evidencia que cada educando possui uma maneira própria e específica de absorver experiências e construir conhecimento. Nesse contexto, novos conhecimentos teóricos se fazem necessários, uma vez que se defendem estrutura e funcionamento escolas articuladas a práticas pedagógicas que favoreçam condições de aprendizagem a todos, considerando: gênero; raça/etnia; condição social, econômica; ritmos de aprendizagem, condições cognitivas ou quaisquer outras situações (MARANHÃO, 2017, p. 14- 15).

## **1.2 A importância de trabalhar com as questões de gênero**

Vale ressaltar a importância do movimento feminista com a relação aos estudos de gênero e a sua importância desde os anos 70 o movimento vem lutando por igualdade de gênero e pelos direitos das mulheres. Complementado sobre o movimento feminista as autoras Lourdes Bandeira e Hildete de Melo destacam que:

O movimento feminista nasceu das lutas coletivas das mulheres contra o sexismo, contra as condições de aversão e inferiorização do feminino, transformadas em práticas rotineiras de subordinação das mulheres. O desenvolvimento do movimento de mulheres durante este centenário se constituiu como um poderosa narrativa de desconstrução da estrutura patriarcal, das desigualdades históricas estabelecidas entre homens e mulheres a partir da denúncia sobre sua posição secundária sobre sua posição.

Tantos caminhos foram percorridos por mulheres nas lutas por cidadania - Marias, Clotildes, Severinas, Antonias, Franciscas e Terezas - anônimas de todas as cores e todos os recantos deste país participaram dessa empreitada. O feminismo lhes possibilitou sair do lugar de invisibilidade e apostar na persecução da transformação do mundo arcaico em um novo mundo, de afirmação de direitos de todos e todas.

A luta pela cidadania alterou a vida de milhões de mulheres na sociedade ocidental. As ativistas feministas fizeram campanhas por todos os recantos do planeta pelo reconhecimento dos direitos das mulheres: direito a existir com dignidade, direito de propriedade, direito à educação e ao trabalho, direito de votar e ser eleita, direito de participar de espaços de poder e decisão, direito a seu próprio corpo, direito a viver livre de violências, direito de viver em igualdade de condições com os homens. (BANDEIRA; MELO 2010, pg. 7-8).

E exclusivamente nos anos 80 foram surgindo trabalhos falando que gênero é algo histórico e social. Desde esse período muitas militantes feministas, educadoras, escritoras, filósofas, sociólogas vem estimulando e questionando a significância de trazer para o âmbito escolar as discussões de gênero e da diversidade com o intuito de inibir as discriminações e fazer com que os alunos compreendam valor e a importância da identidade de gênero de cada aluno. Segundo Ribeiro:

Em meados de 1980, surgiram os primeiros trabalhos apresentados em seminários e reuniões acadêmicas, as primeiras dissertações de mestrado, e as primeiras publicações em revistas científicas que se utilizam em seus enunciados a palavra gênero, dando assim, uma crescente importância para o tema, abrindo a discussão simultânea em várias disciplinas em pontos geográficos distintos, que trazem em seus bastidores do movimento feminista brasileiro a extensa rede criada pelas pesquisadoras comprometidas com as causas das mulheres no país. (RIBEIRO, 2012, p. 3).

É muito importante trabalhar e debater sobre a equidade de gênero juntamente com os alunos criando um ambiente favorável ao debate e preocupado em saber lidar com situações

que dificultam a ocorrência de aceitação do próximo. Nesses debates os alunos poderiam ser conscientizados de que, por exemplo, tanto os meninos e como as meninas podem fazer e experimentar diversas atividades juntos.

Assim que os professores reconhecerem a necessidade de ampliar o espaço para diversidade essa atitude modificará a maneira como são repassados os conteúdos e também a opinião dos docentes e dos próprios discentes.

Os professores poderiam utilizar atividades e oficinas com a temática de gênero, desde a infância até a fase da adolescência como tentativa de desmitificar e desconstruir os estereótipos existentes durante toda essa trajetória, deixando bem claro que gênero é algo construído socialmente, historicamente e não natural ou biológico. Eles poderiam utilizar como exemplo o próprio ambiente educacional em que as meninas e meninos são ensinados e educados tão diferentemente, desnaturalizando assim o modo como são tratadas as discussões de gênero tanto no currículo, na instituição, na sala de aula e principalmente na postura dos professores que, muitas vezes são responsáveis em reproduzir ou não o preconceito. O professor tem um papel importante neste desafio na promoção da equidade de gênero entre meninas e meninos.

### **1.3 Dinâmicas que acontecem na escola que contribuem para a reprodução das desigualdades**

A escola é uma das peças principais que incide a impossibilidade de promoção das relações equânimes, por ela ser um espaço de múltiplas funções acaba se tornando mais uma fonte reprodutora da sociedade e propriamente da cultura. Por isso é tão significativa que se faça o debate a fim possibilitar relações de igualdade o que diz respeito às meninas e meninos, é importante que comecem desde já a realizarem debates, mesas redondas, aulas neste sentido. Os pesquisadores Isabela Gourlarth e Neilton Reis ressaltam que:

Porém, embora delicado e de difícil abordagem dentro de um sistema de ensino tradicional e conservador, o tema faz necessário nas salas de aula uma vez que cotidianamente é possível se deparar com indivíduos que se tornam “invisibilizados” por currículos, professoras, professores e disciplinas que ocultam a diversidade, perpetuando a ideia conservadora de gênero apenas a aspectos biológicos (GOURLARTH; REIS, 2017, p. 90).

No currículo quase sempre das escolas não se tem uma parte voltada para questões de gênero, o incentivo ao debate é pouco explorado muitas das vezes silenciado por vários motivos um deles é que o assunto seja repassado como algo informativo outro motivo não totalmente explícito é em relação à religião que querendo ou não implica na decisão do que estará colocado no currículo e no planejamento das aulas. O currículo poderia ter uma parte

específica voltada para os temas transversais, as questões de gênero poderiam ser ministradas nas vastas disciplinas como história, filosofia e até mesmo na disciplina de biologia.

O cunho religioso acaba sendo um dos desafios de promoção do debate, na escola há alun@ oriundos de diversas religiões tanto evangélica, católica, protestante etc e essa diversidade de crenças acaba se tornando um empecilho para os professores trabalharem a respeito da discussão de gênero. As dinâmicas dos espaços favorecem a desigualdade em que a observação das atividades e situações desempenhadas por meninas e meninos, seus comportamentos e interação informa onde e como se inscrevem as diferenças no cotidiano escolar para ilustrar tal afirmação poderíamos citar exemplos que ocorrem no âmbito escolar como na hora do intervalo, divisão da turma, divisão para grupos de trabalho, até mesmo a aula de Ed. Física etc. Na hora do intervalo especificamente, muitas vezes normalmente as meninas entre si, já outros são formados por meninos, só na minoria das vezes que se juntam em rodas de conversa tanto meninos com as meninas, isto dependendo do assunto, se for futebol a maioria das meninas nem falam.

A divisão da turma há variação nas salas, têm salas onde as meninas normalmente sentam na frente já os meninos sentam ao fundo da sala, existem salas onde tantos meninos e meninas sentam na frente e também no fundo da sala. Nas divisões de grupos para fazer trabalho às meninas, por exemplo, muitas vezes não gostam de fazer trabalhos com os meninos porque alguns não dividem as tarefas dos trabalhos e deixam para que elas façam tudo sozinhas, em outros casos já há uma mudança tanto meninos e meninas fazem o trabalho juntos. Na própria prática das aulas de Ed. Física é mostrada essa diferenciação em que menino pode jogar futebol por eles serem mais fortes, já as meninas jogam futebol também mais os esportes estimulados para elas são vôlei e dança por serem esportes que não são muito agressivos na sua prática e que as meninas podem fazer sem muita preocupação.

#### **1.4 Educação com possibilidades de equidade de gênero**

Se houvesse equidade de gênero na escola, isso modificaria positivamente o modo de como meninas e meninos são ensinados: meninas seriam estimuladas a acreditarem nas suas potencialidades e que elas podem sim serem muito boas tanto em matemática como em outras áreas específicas; meninos aprenderiam a respeitar as meninas e entender que tanto eles como elas têm o direito de serem tratados igualmente.

Porém para isso ocorrer os professores devem estar preparados e abertos a difundir um aprendizado que inclua igualmente meninos e meninas. O próprio currículo deve ser voltado para as práticas metodológicas que envolvam conteúdos como forma de produzir

maneiras que possam ajudar no combate a quebrar estereótipos, desigualdade de gênero, a violência física, a verbal e outras formas que reprimem em especial as meninas.

Um relato de uma aluna que participou do debate de gênero que realizamos durante o período do estágio supervisionado no centro de ensino Maria Águida, fala o seguinte “o machismo na sala de aula e no âmbito escolar vem de diversas formas, mas no ensino médio a gente sente mais com o assédio, a violência verbal e física. Quando a gente fala do machismo dentro do âmbito escolar precisa se falar também do professor porque precisam está preparados e tem quem ter a mente aberta para reconhecer que eles precisam mudar a forma de tratar meninas e meninos”.

Se a escola deixar de reproduzir as práticas da sociedade patriarcal, na qual valoriza - se mais os homens do que as mulheres seria uma grande mudança. O problema da desigualdade tem que ser pensado e questionado por toda a equipe que compõe o ensino, pois este possui uma grande influência sobre os modos como as práticas culturais são retransmitidas, inclusive na própria construção do currículo escolar que muitas das vezes favorecem apenas prática que reproduzem um contexto social em que terão papéis pré-estabelecidos, e que não permite ao professor questionar este papel.

Muitos estudiosos questionam o fato de professores não inserirem nas suas aulas as discussões de gênero, se fomos analisar vamos constatar que muitas das vezes se houvesse discussões de gênero no currículo da escola seria para ser repassado como algo informativo e não como uma disciplina e quando encontramos essas discussões é principalmente nos livros de sociologia onde há um espaço voltado para as questões de gênero.

O tema gênero no Centro de Ensino Maria Águida é pouco discutido, mas percebemos que grande parte dos professores tem interesse em trabalhar as discussões de gênero na sala de aula, neste contexto fica explícito que alguns professores ainda não lidam diretamente com o tema no cotidiano escolar, por isso acabam comparando gênero com sexo. Assim surge uma preocupação, pois estes termos deveriam passar a serem explicados na escola. Desse modo, ensinariam o significado de cada um dos termos e sua importância.

A partir da pesquisa de campo já pude observar que alguns docentes não ministram as questões de gênero pelo seu posicionamento quanto ao tema, outros até mesmo pela religião que seguem.

A escola deve ser pensada como um todo os professores precisam pensar práticas e métodos que mudariam o modo de educar nisso passando a criar um espaço que atenda e impulse os alun@ igualmente para que possam aprender juntos a importância de que todos



podem desenvolver suas habilidades sem serem discriminados por seus gêneros e que isso os incentive a começarem a ocupar espaços enquanto sujeitos multiplicadores.

Pensar desafio de promover a equidade de gênero é questionar e incentivar a escola para que ela seja uma promotora de direitos e para que este desafio passe a incluir a sociedade em geral diretores, professores e pais. Por ser um espaço de múltiplas relações o âmbito escolar ganha o poder de começar a desenvolver este desafio onde todos só têm a ganhar.

Como por exemplo, já houve vários casos de gravidez na adolescência em muitas das vezes acabam deixando de estudar. Trazer o debate contribuiria na conscientização da gravidez na adolescência e no combate as práticas das violências físicas e verbais. É importante que os professores coloquem em prática o que é citado nos Pcn's, de apresentar aos alunos a real importância de trabalhar sobre a valorização da igualdade entre gêneros, e como complemento os próprios docentes devem respeitar cada alun@ na sua diferença e assim os instigar a fazerem o mesmo com os demais colegas.

O debate da equidade de gênero deve estar permeado no contexto e no dia a dia escolar no intuito de que meninos e meninas entendam o valor deste tema e os mesmos com a ajuda dos docentes encontrem soluções de promover possibilidades igualitárias, passando questionar o porquê de a desigualdade e a diferença estar tão presente no nosso cotidiano e o porquê dela ser bastante reproduzida induzindo a acharem e a reproduzirem como se fosse algo normal. De acordo com Guacira Louro:

Continuamente, as marcas da diferença são inscritas e reinscritas pelas políticas e pelos saberes legitimados, reiterados por variadas práticas sociais e pedagogias culturais. Se hoje, as classificações binárias de gêneros e da sexualidade não dão mais conta da possibilidade de práticas de identidades, isso não significa que os sujeitos transitem entre esses territórios, isso significa que eles e elas sejam igualmente considerados. (LOURO, 2008, p. 22).

É preciso destacar os pontos positivos para a desconstrução dessas diferenças e desigualdades: debater o modo como acontece conhecer o significado e proporcionar novas modalidades de conhecimento dentro e fora da escola, ou até mesmo intervenções com oficinas e minicursos realizadas por pessoas ou propriamente a organização escolar, podem juntos ajudar na construção de um ambiente mais aberto ao diálogo, mais preocupado e comprometido com os direitos e a igualdade. Segundo os autores Parry Scott, Liana Lewis, Marion Quadros:

O campo da educação e o espaço da escola, considerados vetores fundamentais na formação das novas gerações fazem parte deste debate, como instâncias fundamentais de reprodução e também, de mudança sociocultural. Neste, contém que poder ser terreno fértil para a construção de respeito e igualdade (SCOTT; LEWIS; QUADROS, 2009, p.14).

Neste cenário, a escola por ocupar o lugar de protagonista fica responsável por construir normas e práticas sociais inclusivas. Assim, a escola como um todo ajudaria na

criação de relações e ensino igualitários, onde cada um teria a oportunidade de escolhas e de poder conviver com os demais sem sofrer discriminações. A transformação pautada neste sentido é um passo específico na construção de um ambiente favorável, ao questionamos o cotidiano e suas anuências devemos agir para que aconteça uma mudança significativa no qual as lutas sejam imediatas e que os resultados se perpetuem pontualmente nos comportamentos dos sujeitos.

O sistema educacional e a escola estão inseridos nos processos das relações de poder e para que se insira uma educação não machista, pautada na equidade de gênero precisam realizar de acordo com esse jogo de poder com a intenção de descentralizar a dominação passando a contribuir nas elaborações do currículo e no ensino inclusivo. A educação como ferramenta de transformação social tem grande impacto e reflexo na vida dos alunos, os impulsiona a lutar por uma sociedade e uma educação com valores democráticos.

No entanto, é preciso saber lidar com as discussões de gênero na escola para que ocorra a desconstrução de estereótipos e dos papéis tradicionais que geram exclusão social e discriminação. Um ótimo exemplo são as práticas educativas feministas<sup>3</sup>, os estudos que iniciaram acerca das questões de gênero foram voltados para combater as discriminações de raça, gênero, etnia etc, as militantes e educadoras fizeram e fazem parte desta trajetória de luta onde construíram várias bases de enfrentamento para a diminuição da desigualdade de gênero na educação. Foram elaborados diversos mecanismos de conscientização e também de estratégias de intervenção pensadas exclusivamente para as políticas educativas:

No entanto, é preciso saber lidar com as discussões de gênero na escola para que ocorra a desconstrução de estereótipos e dos papéis tradicionais que geram exclusão social e discriminação. Um ótimo exemplo são as práticas educativas feministas, os estudos que iniciaram acerca das questões de gênero foram voltados para combater as discriminações de raça, gênero, etnia etc, as militantes e educadoras fizeram e fazem parte desta trajetória de luta onde construíram várias bases de enfrentamento para a diminuição da desigualdade de gênero na educação. Foram elaborados diversos mecanismos de conscientização e também de estratégias de intervenção pensadas exclusivamente para as políticas educativas:

Estas feministas acreditavam que em tais escolas as meninas/mulheres teriam mais oportunidades de liderança e de expressão, receberiam necessariamente mais atenção das professoras e não seriam antecipadamente rotuladas como mais ou menos capacitadas ou hábeis para determinadas áreas. A ausência dos meninos, na opinião destas estudiosas, diminuiria a tendência que meninas se comportasse conforme os estereótipos de seu gênero. Certas feministas radicais, como relata Madeleine Arnot (apud Tyack Hansot, 1992, pg. 186), se posicionaram contra as

---

<sup>3</sup> São pedagogias feministas

escolas mistas por acreditarem que “elas são o principal meio de reproduzir relações patriarcais de dominação”. Na verdade, elas responsabilizaram diretamente a presença dos garotos pela “baixa – auto percepção das garotas, a baixa performance acadêmica e o tradicional estreito interesse feminino pela escola” (LOURO, 1997, pg. 111).

Vários pontos podem ser destacados: muitas educadoras acreditavam que com as práticas educativas feministas as meninas e as mulheres teriam mais oportunidades de liderança e de expressão, e que assim como os meninos iriam receber mais atenção dos docentes e não seriam taxadas pelos papéis de gênero como menos hábeis para determinadas atividades ou áreas de conhecimentos. Esses métodos pedagógicos têm como objetivo a identificação dos estereótipos vivenciados pelas meninas no interior das instituições escolares, em que buscam reverter esse paradigma desenvolvendo um modelo educacional sem machismo.

As práticas sem machismo foram construídas com o propósito de dar voz e direito as meninas e mulheres através de mecanismos que possam acabar com as relações de poder nas escolas e nas salas de aulas. O foco persiste em dar vez às pessoas que foram/ são silenciadas durante muito tempo, como os alun@ e até mesmo os educador@.

É importante que todos os sujeitos tenham oportunidades. A incorporação deste ensino/aprendizagem atua para que todos possam ter seu lugar de fala. Onde passe a prevalecer não mais a competição, mas sim a coletividade levando em consideração uma produção de conhecimento que seja coletiva, na qual todos coloquem suas experiências em prática. Desse modo, o foco é que meninas/mulheres sejam ouvidas sobre a educação que recebem, as suas realidades, o que pensam sobre seus futuros e a vontade de poder transformar suas vidas. A prioridade deve ser as meninas, um sujeito silenciado é quase que inexistente na sociedade, elas precisam poder transformar os espaços que ocupam.

Um ensino pensado nesse sentido prevaleceria à subjetividade dos indivíduos, o direito de falarem o que pensam a liberdade de fazer escolhas ensinar é ajudar a transformar, e os professores são considerados os principais responsáveis nesse processo de transformação. O desafio não é fácil, mas necessita de cooperação e de atenção de todos, os professores tem o papel de tentar se adequar procurando entender acerca das questões de gênero, saber/ poder ouvir os alun@, procurar resolver problemas que envolvam desrespeito a gênero ou a sexualidade. A conscientização frente a este contexto exige conhecimento e postura para reconhecer as exigências que os alun@ trazem a escola e que ao mesmo tempo procuram respostas.

Um dos desafios é justamente o motivo da falta de uma formação para os professores direcionados aos temas transversais e também por ainda não colocarem em prática as

discussões de gênero, é preciso deixar de lado o preconceito que muitos reproduzem a mudança parte dessa atitude, os professores devem estar politizando suas ideias, seus posicionamentos para que juntos consigam compreender e entender a importância da equidade de gênero, assim possibilitando a identificação de conflitos inerentes no dia a dia.

## **CAPITULO 2 – RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS DOS PROFESSORES COM AS QUESTÕES DE GÊNERO**

### **2.1 Percurso histórico da pesquisa**

A pesquisa de campo iniciou no dia 03 de julho de 2017 quando fui à escola conversar com a direção. Nesse momento, foi entregue a um dos gestores a carta de apresentação, no qual ele concordou com a realização da pesquisa na referida escola e deu todo suporte, indicando até mesmo alguns professores que certamente aceitariam participar da pesquisa.

Na sequência deste dia, comecei a ir frequentemente à escola no intuito de conversar com os professores sobre a pesquisa, e saber se os mesmos concordavam em participar. Fui à escola vários dias da semana, passei mais de quatro meses, sempre respeitando os horários da escola e dos professores. Sempre fui bem recebida tanto pela direção, como pelos professores e demais funcionários. A pesquisa ocorreu no turno vespertino porque durante a escolha do tema achamos melhor seguir o horário que foi realizado o estágio.

### **2.2 Descrição do campo da pesquisa**

O Centro de Ensino Maria Águida localiza-se na cidade Esperança no interior de um estado brasileiro localizado no nordeste. A cidade Esperança possui área da unidade territorial (km<sup>2</sup>) 1.434,898, densidade demográfica (hab/km<sup>2</sup>) 15,22 hab/km. Sua população é de 29. 191 estimativa do IBGE em 2010, Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) 2010 – 0,555 Taxa de escolarização de anos finais do ensino fundamental 6 a 14 anos 95,5%, economia PIB per capita 5.580, 83 R\$ Bioma cerrado caatinga Clima predominante tropical. A economia predominante é a agricultura, o comércio e serviço público (IBGE, 2017) o centro de ensino pertence à rede estadual pública de ensino médio centrada na zona urbana.

A escolha por esta escola ocorreu por ser a única instituição do ensino médio nesta cidade, e por que também abrange alunos tanto da sede como dos povoados vizinhos. A instituição funciona no período matutino, vespertino e noturno, mas nossa pesquisa aconteceu no turno vespertino. A estrutura física é bem ampla e possui 10 (dez) salas em funcionamento, 01 (uma) sala para os professores, 01 (uma) sala para a gestão, 01 (uma) sala de informática, 01 (um) pátio, 01 (uma) quadra grande com uma estrutura para as práticas de esportes como futsal, vôlei, handebol e basquete, 01 (uma) cantina, 02 (dois) bebedouros, 03 (três) banheiros sendo 01(um) masculino, 01 (um) feminino e 01 (um) adaptado às pessoas com necessidades especiais.

A instituição apresenta uma estrutura precária que necessita de uma reforma específica no teto e também que haja uma ampliação da escola principalmente de todas as salas, pois elas estão se tornando pequenas devido à tamanha procura por vagas, segundo o diretor a reforma está prevista para o final deste ano. A escola possui também corredores que dão acesso às salas, a maioria possui ar condicionado, na cantina possui 01 (um) fogão industrial e 01 (uma) geladeira. Os funcionários da limpeza procuram deixar a escola sempre limpa. A escola disponibiliza recursos audiovisuais: como caixa de som, DVD, impressora, computador, televisão em 03 (três) salas dos 1º anos, falta data show.

O contato com o tema deu-se a partir da participação no Grupo de Estudo Gênero Chita – Gita<sup>4</sup> ligado ao curso de licenciatura em ciências humanas da Universidade Federal do Maranhão Campus de São Bernardo e também da experiência de participação em uma das oficinas do projeto escola de liderança<sup>5</sup> para as meninas da Plan Internacional Brasil<sup>6</sup>. Essas experiências instigaram um enorme interesse no tema gênero, e pensamos por que não trabalhar a temática na perspectiva dentro do âmbito escolar. O contato com o tema foi resultado também da vivência do estágio supervisionado do ensino médio, as observações ocorreram durante o dia 19 de abril ao dia 20 de maio de 2016 e foram de grande valia e respaldo, quando tive a oportunidade de acompanhar de perto como é desenvolvido o debate dos temas transversais na escola e nas salas de aula e a postura dos professores diante dos conteúdos relacionados às questões de gênero e aos temas transversais. Para a realização desta pesquisa, foi feito um estudo na escola para analisar e constatar os desafios na promoção na equidade de gênero.

Para tanto, produzimos um questionário para a entrevista semiestruturada com 19 perguntas sobre gênero. O objetivo era mapear se os mesmos já tinham ouvido falar em gênero e se achavam importante que os temas transversais fossem trabalhados em sala de aula. O questionário da entrevista continha perguntas objetivas e subjetivas. As entrevistas foram realizadas com 8 professores (5 professoras e 3 professores) e elas ocorreram principalmente no horário do intervalo devido à disponibilidade dos professores.

---

<sup>4</sup> O grupo de estudo segue um pouco a linha de pesquisa foucaultiana, mas também trabalha textos voltados para a temática de gênero.

<sup>5</sup> O objetivo central do projeto de liderança para as meninas é empoderar as meninas para prevenção das violências baseadas em gênero, desenvolvendo habilidades para a vida, seus conhecimentos sobre seus direitos e promovendo sua participação cidadã, com ações de incidência possa promover o direito a uma vida sem violência.

<sup>6</sup> A Plan Internacional é uma organização não governamental de origem inglesa ativa desde 1937 e presente em 71 países. No Brasil desde 1997, a organização possui hoje mais de 20 projetos, impactando aproximadamente 70 mil crianças e adolescentes. A Plan Internacional Brasil parte do princípio de que assegurar o direito de crianças e adolescentes é um dever e não uma escolha.

A instituição pesquisada desenvolve continuamente reuniões com os pais, visando que o acompanhamento possa ajudar no desenvolvimento e no potencial dos alun@. Desse modo na visão do corpo docente e da direção trabalhar dessa maneira contribui e muito na produção de novas didáticas e de projetos.

O centro de Ensino Maria Águida, por exemplo, exige dois planejamentos de aulas: um mensal e um anual. A avaliação desenvolvida pela escola é processual e contínua a escola em si trabalha muito em prol do desenvolvimento dos alun@ e em estar acompanhando de perto as dificuldades e as preocupações deles acerca de determinados assuntos e temas, com intuito de saber repassar os conteúdos, tendo a certeza de que os mesmos possam compreender e aprender. O centro de ensino frequentemente realiza o “simuladão mais Ideb” com objetivo de melhorar a nota da escola nessa avaliação. A escolha do livro didático quase sempre é avaliada pela questão dos conteúdos e também pela indicação dos professores, e a preferência é que seja escolhido um volume único. A escola conta com um total de 43 professores só no período vespertino conta com 28 professores. Durante a pesquisa foi possível constatar que no currículo da escola existe uma parte específica para os temas transversais, pode-se perceber que alguns temas já estão sendo trabalhados na escola devido os projetos do PROEMI<sup>7</sup>.

Nos anos 2013 a 2015 na escola foram desenvolvidos projetos frutos do PROEMI, um dos projetos, por exemplo, era voltado para os temas transversais sexualidade, identidade e gênero desenvolvido por duas professoras uma da área de biologia e a outra da área de língua portuguesa. Os outros projetos desenvolvidos foram “Minha vida, minha profissão”, “Xadrez e cidadania”, “Sarau Literário”, “Você preparado para o ENEM etc. Além de projetos, a prática esportiva (masculino e feminino), gincana cultural, uso das tecnologias para fins educativos, projetos de leitura e escrita”.

No ano de 2016 foi desenvolvido o projeto “Escola Sustentável” coordenado por uma professora de química juntamente com alguns alunos participantes do projeto. O projeto tinha como objetivo conscientizar e instigar os alun@ a preservar o meio ambiente. Já no ano de 2017 foi realizada a “I feira aluno empreendedor sustentável” que tinha como coordenadora

---

<sup>7</sup> O programa ensino médio inovador – EMI foi instituído pela portaria nº 971, de 9 de outubro de 2009, no contexto da implementação das ações voltadas ao plano de desenvolvimento da educação – PDE. O objetivo do EMI é apoiar e fortalecer os sistemas de ensino estaduais e distrital no desenvolvimento de propostas curriculares inovadoras nas escolas do ensino médio, disponibilizando apoio técnico e financeiro, consoante à disseminação da cultura de um currículo dinâmico, flexível, que as expectativas e necessidades dos estudantes e as demandas da sociedade atual. Deste modo, busca promover a formação integral dos estudantes e fortalecer o protagonismo juvenil com a oferta de atividades que promovam a educação científica e humanística, a valorização da leitura, a cultura, o aprimoramento da relação teoria e prática.

uma professora de química e como participantes alguns alunos do 1º, 2º e 3º do ensino médio. Este projeto inclusive aparece na lista dos projetos aprovados para o ano de 2017: “Aulas preparatórias para o ENEM”, “Lab móvel, ciências naturais”, “Minha vida, minha profissão”, “Aluno empreendedor e sustentável”, “Grêmios estudantis”, “Inglês sustentável”, “Vivenciando esportes através de jogos na escola”, “Somos África, somos Brasil”, “Criação de um espaço de vivência cultural”, “Registro de atividades pedagógicas e construção da memória da escolar”

Cinco destes projetos foram desenvolvidos mesmo com o contra tempo devido o término das aulas para a tão esperada reforma os outros serão realizados no ano de 2018. “Grêmios estudantis”, “Aulas preparatórias para o ENEM”, “Minha vida, minha profissão”, “Vivenciando esportes através dos jogos na escola”, “Somos África, Somos Brasil”.

### **2.3 A importância da pesquisa de campo**

A importância e a necessidade da pesquisa de campo residem na importância de compreender e explicar o problema pesquisado. Nesta monografia, a pesquisa de campo foi necessária para poder confirmar o nosso objeto de estudo, visto que precisávamos levantar dados através da pesquisa de campo e das entrevistas semiestruturadas. Somente com a coleta de dados poderíamos averiguar através da interpretação dos mesmos como os temas transversais estão postos no currículo da escola, se os professores debatem em sala de aula as questões de gênero e os desafios que são empecilhos na promoção da equidade de gênero. A pesquisa de campo se torna indispensável, pois é a partir dela que poderíamos alcançar os objetivos desejados que somente com a pesquisa bibliográfica especificamente não conseguiríamos abarcar. Assim segundo Cíntia Ribas e Regina Fonseca:

A pesquisa de campo consiste na observação dos fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente. O objetivo da pesquisa de campo é conseguir informações e, ou conhecimentos (dados) acerca de um problema, para qual se procura uma resposta (RIBAS; FONSECA, 2008, p. 7).

Nesta monografia a metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, mas tentou-se também a etnografia no intuito de realizar a observação participante em que realizamos observações em determinadas salas de aulas para verificação das posturas dos professores frente às temáticas transversais. De acordo como foi observado nas falas dos professores entrevistados e também como vai ser mostrado nos resultados da pesquisa, a maioria acha as questões de gênero um assunto importante a ser trabalhado na sala de aula, mas que na prática os mesmos ainda não estão trabalhando. A observação participante permite que o pesquisador participe do cotidiano e do ambiente onde será realizada a pesquisa com o intuito de poder



acompanhar e observar de perto a realidade do objeto a ser estudado. Desse modo, tenta analisar a partir da hipótese que se tinha sobre o tema em foco.

#### **2.4 A metodologia da pesquisa de campo: por que a entrevista semiestruturada?**

Na elaboração do projeto de pesquisa escolheu-se a entrevista semiestruturada como instrumento da coleta de dados. A escolha da entrevista perpassa no intuito de constatar se os professores pesquisados trabalham com o debate de gênero em sala de aula e a opinião dos mesmos em relação à temática.

Segundo Augusto Trivinos a entrevista semiestruturada é um dos principais meios que existem para que o investigador realize a coleta de dados. Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam a pesquisa, em que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, frutos das novas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas do informante (TRIVINOS, 1987, p. 145 -156).

#### **2.5 Público Alvo**

Optamos pelo turno vespertino por motivo de facilitar a pesquisa: seria complexo realizar o trabalho nos três turnos matutino, vespertino e noturno, justamente por o centro de ensino ser a maior instituição de ensino médio no município de Esperança, seria difícil também conversar com todos os professores dos três turnos, visto que alguns moram em outras cidades. Assim achamos melhor fazer a pesquisa somente no turno vespertino.

O público alvo pesquisado foram os professores das áreas selecionadas no ensino médio: professor de sociologia, professora de língua portuguesa, professora de biologia, geografia e história. A escolha desses professores foi aleatória e ocorreu a partir de indicação deles mesmos.

#### **2.6 A coleta de dados**

O questionário da entrevista foi elaborado de acordo com a realidade da pesquisa, com perguntas objetivas e subjetivas, dando a liberdade de resposta aos entrevistados. Foram perguntas voltadas para os questionamentos sobre a temática trabalhada. O primeiro passo foi à confecção do questionário para a entrevista, e por fim, a aplicação na escola escolhida com os professores. Conforme já citado, as entrevistas com os professores começaram após a assinatura de autorização da direção da escola. Sempre de segunda a sexta, por volta das

13h15min às 17h00min, a partir do horário do intervalo, as entrevistas foram realizadas individualmente.

### **CAPITULO 3 – GÊNERO NAS FALAS DOS PROFESSORES**

Seguindo os princípios éticos do termo de consentimento que permite utilizar as informações relatadas pelos professores pesquisados, mas que não autoriza citar nomes optamos então citar os nomes dos professores utilizando nomes de pedras preciosas: Esmeralda, Diamante, Critino, Tópazio Azul, Safira, Euclásio, Opala e Rubi.

Na entrevista semiestruturada perguntamos aos professores as opiniões deles em relação às práticas transversais em específico às questões de gênero, obtivemos as seguintes repostas:

1) Já ouviu falar sobre gênero? em que contexto? A professora Esmeralda respondeu “Sim. Em um debate desenvolvido por uma jovem da igreja católica em que tinha por objetivo conscientizar as meninas sobre gravidez na adolescência e de empoderar essas meninas e também numa escola onde tenho umas colegas professoras”; a professora Diamante respondeu: “Sim. Na graduação, pós – graduação”; o professor Critino respondeu: “Sim. No contexto de discussões que envolvem diversidade, minorias, direitos, religiões e seus padrões de conduta, legislação definitiva etc, no ambiente de diversas mídias, imprensa televisiva, redes sociais e até mesmo no ambiente escolar”; o professor Tópazio Azul citou: “Sim. na universidade, mas principalmente na mídia. É um dos temas mais discutidos e que causa mais polêmica atualmente”; a professora Safira respondeu: “Sim. Em textos e também já assistir no youtube debates realizados por profissionais que trabalham com as questões de gênero”; o professor Euclásio respondeu: “Sim. Em reportagens”; a professora Opala respondeu: “Sim. Numa oficina de um projeto idealizado por uma colega” e a professora Rubi respondeu: “Sim. Em textos, nos livros das filosofas Judith Butler e Simone Beauvoir e em reportagens.”

Pelas entrevistas percebemos que todos os 08 professores (Cinco professoras/ três professores) que aceitaram participar da pesquisa confirmaram já ter escutado falar nas questões de gênero isto é um ponto positivo no sentido de que os professores podem não estar ministrando em sala de aula, mas já tem um prévio conhecimento do assunto e o que esta faltando é um pouco de interesse e uma preparação em trazer aos discentes não somente conhecimentos prévios sobre o assunto mas que saibam explicar questões referentes . Neste ponto é importante destacar a fala do docente Critino que cita que ouviu falar a respeito do conteúdo devido às vastas “discussões que envolvem diversidade, minorias, direitos, religiões e seus padrões de conduta, legislação definitiva etc, no ambiente de diversas mídias, imprensa televisiva, redes sociais e até mesmo no ambiente escolar” Levando em consideração tudo que o mesmo expressou alguns requisitos devemos destacar como diversidade, minorias, direitos, religiões estes são ministrados nas disciplinas, mas não com ampla divulgação exemplo que

inclusive já foi mencionado no primeiro capítulo o tema da diversidade precisa ser exposto para que os discentes a partir da discussão tenham compreensão que todos independente de cor, raça, gênero, credo religião devem ser reconhecidos pela sua diversidade.

É importante que haja as discussões sobre a diversidade, desde sempre a família, a igreja e escola reproduziu os padrões sexistas culturalmente construídos. Como cita o autor Pierre Bourdieu “O trabalho de reprodução esteve garantido, até época recente, por três instâncias principais, a Família, a Igreja e a Escola, que, objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes. É, sem dúvida, à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem. Quanto à Igreja, marcada pelo antifeminismo profundo... ela inculca (ou inculcava) explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres.... Por fim, a Escola, mesmo quando já liberta da tutela da Igreja, continua a transmitir os pressupostos da representação patriarcal (baseada na homologia entre a relação homem/mulher e a relação adulto/criança) e sobretudo, talvez, os que estão inscritos em suas próprias estruturas hierárquicas, todas sexualmente conotadas, entre as diferentes ... faculdades, entre as disciplinas ('moles ou duras' ...), entre as especialidades, isto é, entre as maneiras de ser e as maneiras de ver, de se ver, de se representarem as próprias aptidões e inclinações”(BOURDIEU, 1999, pg. 103-104). Desse modo, a instituição de ensino é permeada de formas excludentes que silencia os sujeitos que não se enquadram nos padrões sexistas, ou seja, que não correspondem aos atributos exigidos. Uma mudança no modo como o ensino é passada transformaria a educação que é apresentada e transmitida aos discentes. Os pesquisadores Samir Vigano e Maria Laffin ressaltam que:

Desse modo, mesmo com tantos avanços e discussões sobre as diversidades e o acolhimento de alunos e alunas, a escola ainda está permeada por relações de poder que não apenas reproduzem as desigualdades de gênero, classe, raça ou etnia, mas também é na escola que se produzem relações hierárquicas, as quais são evidenciadas na organização de um currículo monocultural que gera e provoca a invisibilidade dos sujeitos, particularmente os/as alunos e alunas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais ou travestis - LGBT que não se enquadram nos padrões e normas que a escola perpetua. Constatou-se também, que, as violências de gênero, sejam ela física ou simbólica, são um agravante para a produção de sujeitos jovens e, de que não somente os gêneros divergentes são violentados no cotidiano escolar, mas que há também pressões semelhantes para com as mulheres. Por fim, sugere-se que haja uma ampliação nos debates dentro dos espaços escolares, visando formar cidadãos e cidadãs, que conheçam e respeitem as diversidades. Uma escola acolhedora permeada de empatia e alteridade, que valorize a diversidade em todos os locais seja na escola, na família, entre amigos e amigas, e principalmente em seu dia a dia. Sendo assim, visualiza-se um processo educativo que valorize a convivência com a diversidade que está implicado com base no respeito, no reconhecimento e na

valorização da/o outra/o, para aquele que no primeiro olhar se apresenta como diferente (VIGANO;LAFFIN, 2017, p. 121)

Perguntamos aos professores 2) o que eles entendem por gênero! E transcrevemos aqui a respostas .

A professora Esmeralda destaca: “Algo construído culturalmente que define o que é ser homem e o que é ser mulher”; a professora Diamante: “Acredito que gênero seja uma construção social, isto é, temos características biológicas, mas a sociedade é que transforma isso em ser “homem/mulher”; o professor Critino: “Padrão individual de coletivo (por identificação com um grupo), de comportamento que envolve sexualidade, afetividade, ideologias que falem com que sejamos identificados ou não com o que convém chamar socialmente de masculino, feminino e gay, homossexual lésbica etc”; professor Tópazio Azul: “Conjunto de comportamentos e sentimentos que reflete a expressão sexual do indivíduo”; professora Safira: “Conceito usado para identificar feminino e masculino”; professor Euclásio: “Nome que inventaram para explicar o que é masculino e o que é feminino”; professora Opala: “Termo para denominar que masculino e feminino são construídos através das nossas relações do cotidiano” e a professora Rubi: “Conceito que explica que tanto o gênero feminino como o gênero masculino vão sendo construídos ao longo de nossa vida”.

.Observa se a partir das falas que a maioria dos professores já possui uma noção previa da questão pesquisada, porém a discordância na fala do Euclásio . Ressalta - se também que apesar de determinados professores já terem conhecimento do assunto, mas por não praticarem nas suas práticas acabando tendo quase que o mesmo comportamento do Professor Euclásio.

Outra pergunta feita aos entrevistados foi: 3) os parâmetros curriculares nacionais destacam a importância de se trabalhar com essa temática de forma transversal, qual sua opinião sobre isso! As respostas que obtivemos foram as seguintes: professora Esmeralda: “Acho importantíssimo. Porque é muito difícil lidar com os nossos alunos adolescentes. E trazer o debate dos temas transversais para sala de aula é um passo e tanto”; professora Diamante: “Muito interessante, sobretudo, porque entram os múltiplos olhares sobre o tema”; o professor Critino: “Concordo. Como supracitado, os fenômenos sociais devem ser discutidos e refletidos no ambiente escolar, nos seus diversos níveis, a transversalidade parece ser a mais completa ferramenta, ou estratégia”; professor Tópazio Azul: “Muito importante, pois as disciplinas podem trabalhar o tema ao seu modo, no entanto faz - se necessário que se cobre a efetiva discussão do tema para não ficar somente nos PCNs”; professora Safira: “Acho que vale muito a pena trabalharmos, pois nos proporciona abrir mais a mente sobre essa temática e inclusive a maneira como lidamos isto com os alunos em sala de aula”; o professor

Euclásio: “Em minha opinião acho que deve ser debatido primeiramente pelos pais”; a professora Opala: “Acho de grande importância, pois nos dar a oportunidade de poder dialogar com nossos alunos assuntos do cotidiano”; a professora Rubi: “Sim. Porque acho que contribuiria bastante no dialogo com nossos alunos e também de poder ministrar os temas transversais em sala de aula”.

Foi perguntado também aos professores se eles acham a questão de gênero um tema importante a ser trabalhado na sala de aula. No capítulo II foi mostrado que 95% concordaram que gênero é um tema importante a ser trabalhado em sala de aula e a partir desses dados suscita - se um questionamento, a maioria afirmou, mas na prática poucos já desenvolvem atividades e exposição do tema.

Na escola onde a pesquisa ocorreu, por exemplo, o professor de sociologia realiza bastante debate sobre as questões de gênero em sala de aula e um dos objetivos da sociologia é desnaturalizar aquilo que é tido como natural e confere na área transversal. Portanto, a sociologia se propõe a desnaturalizar o mundo social e encontrar explicações do por que das coisas existirem como são um dos papéis fundamentais desta disciplina é formar indivíduos capazes e conscientes de poder compreender as questões e relações do seu cotidiano, ou seja, compreender os fenômenos da vida social. Para os pesquisadores Neilton Reis e Isabela Gouharlth:

Dentre seus importantes papéis dentro da escola, a sociologia tem a função, dentro de uma perspectiva interdisciplinar e transversal, a partir de um viés científico e laico, romper com padrões geradores de intolerância e disseminar o conhecimento necessário porque que se possa compreender as diferentes formas de relação social. Na educação básica ela cumpre também, o papel de formar sujeitos conscientes e sensíveis às questões sociais cotidianas. Portanto, embora não explícito nos currículos, as questões de gênero devem ser abordadas nas aulas de sociologia do Ensino Médio, questionando o regime heteronormativo e problematizando as construções históricas- culturais da diferença de gêneros, cumprindo sua função de contribuir para que o aluno construa uma postura crítica e reflexiva perante o mundo moderno, compreendendo melhor as relações sociais, percebendo – se como elemento ativo socialmente, possa repensar suas posturas e viabilizar mudanças estruturais na sociedade. Abordar as diversas formas de relaciona- se fora dos padrões preestabelecidos é possibilitar a disseminação de uma cultura de paz, agindo de forma preventiva a pré – conceitos, muitas vezes oriundos do senso comum (REIS; GOUHARLTH, 2017, p.93).

O outro exemplo é o das duas professoras que já produziram um projeto no centro Maria Águida inclusive muito pertinente as estes embates no qual foram desenvolvidas oficinas a respeito das doenças sexualmente transmissíveis, formas de prevenção, ou seja, tema relacionado à sexualidade. Existiram também oficinas que foram ministradas acerca da identidade de gênero destacando o seu significado, amostras de fotos que envolviam o assunto, outras oficinas sendo o conteúdo em destaque a questão de gênero relatando o que vem a ser, e sua importância.

Aqui um dos destaques é a disciplina de biologia em que a questão da sexualidade é mais ministrada nesta disciplina o corpo humano, a reprodução, as doenças sexualmente transmissíveis, formas de prevenção, métodos contraceptivos, mas o gênero em si não é exposto, trabalhar a interdisciplinaridade salientaria pontos marcantes e possibilitaria que os conteúdos fossem trabalhados nas vastas áreas das disciplinas tanto de sociologia, biologia, história, filosofia, geografia etc.

A importância de trabalhar a interdisciplinaridade seria evidente no sentido de que não somente o que é biológico seria assimilado, mas também a própria dinâmica social. É preciso destacar que colocar gênero numa certa abordagem entre sociologia e biologia surgiria a problematização das verdades de cada área sobre o assunto. No entanto há necessidade de que se amplie o que seja materialidade em síntese é a valorização daquilo tido como material, questionando assim o papel das materialidades no meio social.

Nesse caso as ciências sociais abarcaria melhor essa ruptura de um ensino sexista e é uma das peças chaves para a promoção da equidade de gênero, mesmo que as instituições de ensino estejam impregnadas de preconceitos e violências nela também está à transformação de um sistema conservador numa educação transformadora. O ensino da disciplina tem respaldo na inclusão no intuito de dar vez e voz a todos àqueles sujeitos que foram silenciados por muito tempo. De acordo com as pesquisadoras Daniela Auad, Maria Ramos, Raquel Salvador:

Muitos avanços estão consolidados, e muitos direitos ainda estão em perigo, pois mais propalados do que em exercício pela totalidade ou mesmo pela maioria das mulheres. Por mais que saibamos que a consolidação dos direitos se dá em longo prazo, também temos pressa de não assistirmos a perdas constantes e por essa razão seguimos escrevendo, publicando e debatendo. Em tempos de ataque – e para nós mulheres os tempos de ataque são praticamente todos – o diálogo e as ideias são nossos melhores recursos na construção da democracia e na sua defesa. Sigamos na construção do fortalecimento das mulheres, de sua emancipação e do debate das relações de gênero fora da escola e, sobretudo, dentro dela! (AUAD; RAMOS; SALVADOR, 2017, p. 205).

Outra pergunta feita para os professores foi a seguinte: 4) quais os desafios de se trabalhar com a questão de gênero na sala de aula e na educação básica nos dias atuais? A professora Diamante: “O maior desafio é ministrar as questões de gênero perante os alunos religiosos, pois sempre há um choque de valores principalmente dos alunos das religiões evangélicas eles não aceitam o debate justamente por a religião se dizer contra o assunto. Já os alunos da religião católica aceitam, mas nem tanto”; o professor Topazio Azul: “Conseguir desenvolver o assunto da forma como deve ser, ou seja, quebrar o tabu que existe sobre o tema na sociedade que é muito preconceituosa em relação a isso e insiste em velar esse tipo de comportamento”; a professora Rubi: “O não preparo em lidar com as questões e também a falta de uma formação para nós professores voltada para essas questões. Na qual mostraria a

importância de poder ministrar nas aulas”; o professor Euclásio: “Um dos desafios é o fato em questão de religião. Desse modo, de cara não aceitamos que haja o debate destes temas até porque no nosso convívio dos que frequenta a religião evangélica não se fala a respeito disto”; a professora Opala: “A maioria dos professores ainda não se sente preparados para realizar a discussão nas escolas. Por motivo de preconceito a estas questões e também da própria religião que seguem alguns professores opinam que estes assuntos devem ser lidados na família”; a professora: “Esmeralda Em minha opinião um dos desafios é a falta de uma formação para nós professores relacionada às questões de gênero e dos temas transversais em que implica no nosso preparo de lidar no cotidiano escolar, pois nos sentimos despreparados em ministrar em sala de aula”.

O Professor Critino respondeu: “Diversos. Por exemplo, apesar de ser uma discussão frequente e recorrente, há uma gama de profissionais sem a bagagem necessária para mediar uma reflexão com essa de maneira sóbria e imparcial. Há ainda a questão dos currículos das escolas que cada vez mais inchados com conteúdos voltados para etapas seguintes ou preparação para a cidadania e mercado de trabalho, tornam difícil a inserção de conteúdos transversais que demandam tempo, planejamento recursos sejam esses materiais ou humanos”; a professora Safira: “Em minha opinião os desafios estão relacionados à brecha que tivemos na nossa graduação por não temos uma formação voltada para essas questões, nisso querendo ou não influencia bastante na maneira como nós professores discutimos em sala de aula. Desse modo os professores que estão preparados para lidarem com estes assuntos saberão como ministrar e debater acerca dos temas transversais já os outros professores só acabarão reproduzindo os preconceitos relacionados aos temas”.

Segundo as respostas acima podemos constatar que os desafios que impedem a promoção da equidade de gênero são diversos: a instituição de ensino em si que não está totalmente preparada para receber alunos com múltiplas identidades, professores sem uma formação direcionada para aos temas transversais, fato esse que dificulta os professores de estarem desenvolvendo atividades ou discussões a respeito da temática, e os poucos profissionais que já trabalham sabem dialogar, mas outros por não estarem com a mente aberta e preparada reforçam a violência e a desigualdade de gênero e acabam seguindo padrões heteronormativos e lidam somente com sujeitos que estejam dentro deste padrão, no currículo muitas das vezes as questões não estão explícitas, a dinâmica do espaço delimita o lugar que os discentes vão ocupar a partir de atividades e contextos que estão inseridos em que há a separação entre meninas e meninos, a problemática da religião que podemos exemplificar com as declarações das professoras Opala e Diamante, segundo a professora



Opala “Por motivo de preconceito a estas questões e também da própria religião que seguem alguns professores opinam que estes assuntos devem ser lidados na família”. a professora Diamante cita que “o maior desafio é ministrar as questões de gênero perante os alunos religiosos, pois sempre há um choque de valores principalmente dos alunos das religiões evangélicas eles não aceitam o debate justamente por a religião se dizer contra o assunto”. Outra pergunta realizada por nós foi a seguinte: 5)Quais os desafios de se trabalhar com a questão de gênero no município de Esperança, mais especificamente na escola em que você trabalha?

Para a professora Esmeralda: “Na cidade Esperança muitos professores ainda não trabalham com as questões de gênero em sala de aula. No centro de ensino depende muito do interesse de alguns professores onde não se tem, acho que poderíamos descentralizar um projeto de gênero que foi trabalhado por duas colegas e quem sabe instigar todos os professores a participarem do projeto e leva-lo para as salas de aula”; Professor Topázio Azul: “Fazer com que os estudantes se conscientizem da importância de discutir o tema com o objetivo eliminar as concepções do senso comum e os discursos que tentam deturpar o tema gênero”; Professora Diamante: “Esperança é bem provinciana, pouco aberta à diversidade, por isso é sempre um desafio falar sobre esse tema. Há choque de valor com o grupo religioso”; Professora Opala: “O despreparo na formação de nós professores, a questão de alguns acharem ainda um tabu falar sobre esses assuntos.” Professor Euclásio: “Muitos de nós professores ainda não trabalhamos com essa temática em sala de aula devido nosso posicionamento quanto ao assunto”; Professora Rubi: “Falta muita a preocupação da secretária de educação juntamente com os professores em estarem realizando debates com os temas transversais nas escolas. Já na escola, falta o interesse de muitos professores em trabalhar com os temas de gênero e sexualidade por puro preconceito”; Professor Critino: “Os mesmos que citei na resposta anterior, além de uma forte e notável influência de religiões dogmáticas e tradicionalistas, como as cristãs sobre os alunos e grande parte da comunidade. Some-se a isso um padrão cultural tradicional que grande parte das vezes dá uma imagem pejorativa a qualquer comportamento que não seja o estabelecido como aceito para uma sociedade marcada claramente pelo tradicionalismo”; A professora Safira: “No município em específico ainda não se tem muito as discussões do tema. Já no centro de ensino teve nos anos 2013, 2014 e 2015 o debate sobre gênero acho que deveríamos continuar e tentar continuamente realizar o debate”.

Nas suas falas, os docentes deixaram claro os principais desafios de trabalhar com as questões de gênero a partir destes trechos citados é possível constatamos que na cidade não há

ainda muita preocupação com o tema, ainda não é desenvolvida pela secretaria de educação do município discussões a respeito do tema, muitos professores não estão capacitados e preparados para realizarem o debate.

É preciso conscientizar os alunos da importância de compreenderem o tema, a cidade em si é pouca aberta aos debates sobre racismo, machismo ainda existe muito preconceito quanto ao assunto, uma forte influência das religiões principalmente a evangélica e católica, com isso há sempre um impedimento no desenvolvimento de atividades relacionadas à temática. Podemos perceber a grande necessidade da realização de debates nas escolas da cidade Esperança e na própria comunidade que incida na conscientização da população em compreenderem o tema para que possam lidar no seu cotidiano, e que haja a ampliação dessas discussões por parte dos professores de colocarem em prática o que são cobrados nos PCNs.

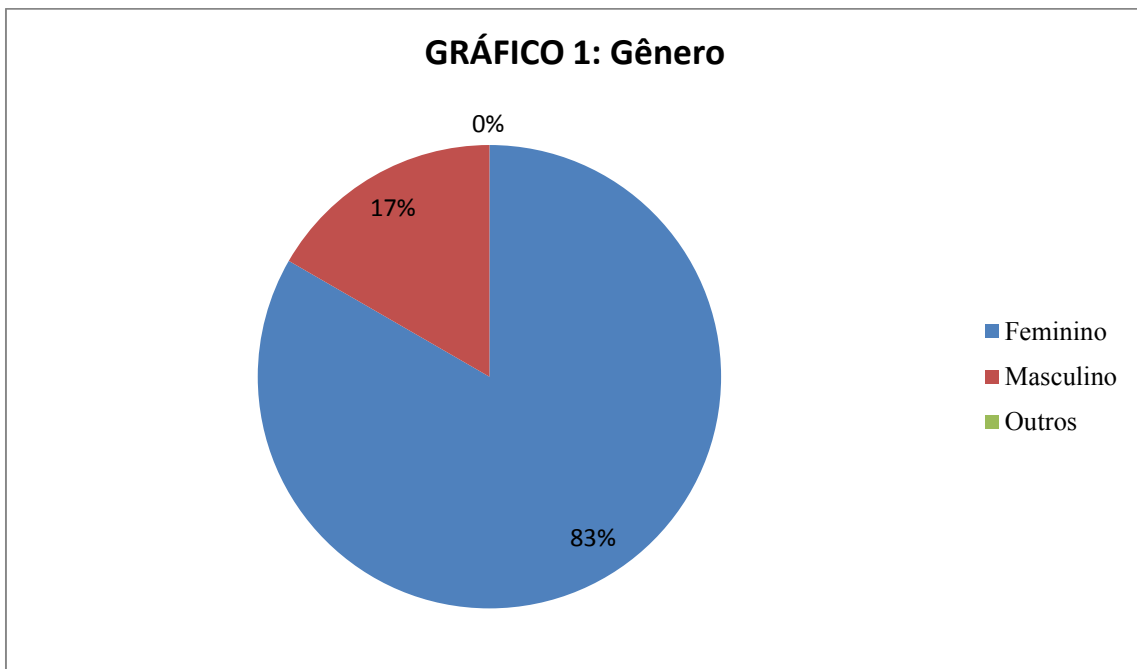
Dois professoras desenvolveram nos anos 2013, 2014 e 2015 um projeto que trabalhavam com as questões da identidade, gênero e sexualidade, não foi possível conversar com uma das professoras, pois a mesma encontrava-se de licença em outro estado de difícil contato, mas foi possível entrevistar a professora Diamante. Na entrevista ela contou como foi convidada pela colega para fazer parte do projeto e também como eram desenvolvidas as oficinas do projeto.

A seguir está transcrito a fala da professora Diamante a respeito do projeto: “Então, eu e minha amiga quase sempre nos intervalos conversamos sobre estes assuntos sexualidade, gênero e identidade e ela me falava que se questionava e queria poder tirar várias dúvidas dos alunos em relação às essas temáticas, pois nas aulas dela de biologia os alunos faziam muitas perguntas e devido os poucos minutos das aulas não era possível responder todas, daí ela pensou porque não produzir um projeto no intuito de responder estas perguntas e tantas outras mais e também lidar com estes temas no âmbito escolar. prontamente aceitei o convite apesar de ser professora da área de língua portuguesa e combinamos que ela trabalharia na parte voltada mais para área da biologia e eu por gostar e já ter tido na pós- graduação aulas sobre gênero ficaria responsável por trabalhar identidade e gênero. Em 2012 escrevemos então o projeto e enviamos para ser inserido nos projetos do PROEMI e no ano de 2013 foi aprovado deste então começamos as reuniões com os alunos para explicá-los o que seria explorado nas oficinas. Segundo a professora Diamante o projeto tinha por objetivo esclarecer questões relacionadas à sexualidade e de ensiná-los a importância de gênero e da identidade de gênero.

O público-alvo eram alunos dos 3º anos estes participavam da confecção da oficina e também da realização das oficinas juntamente comigo e com a outra professora idealizadora do projeto muitos até hoje estranham por eu ser professora da área de língua portuguesa. A

metodologia desenvolvida perpassava desde as informações e preparações das oficinas do projeto, como também da exposição. O projeto em si foi muito proveitoso no sentido literal da palavra mesmo, pois instigou os alunos de quererem saber mais e tirar suas duvidas quanto às questões da sexualidade, da identidade de gênero e principalmente em que muitos se perguntavam o que seria gênero, pois como sabemos o tema da sexualidade passa a ser mais abordado devido às aulas de biologia e já gênero não muito. Neste ano de 2017 não conseguimos retomar o projeto devido vários imprevistos, mas nosso objetivo é fazer com que seja retomado em 2018”.

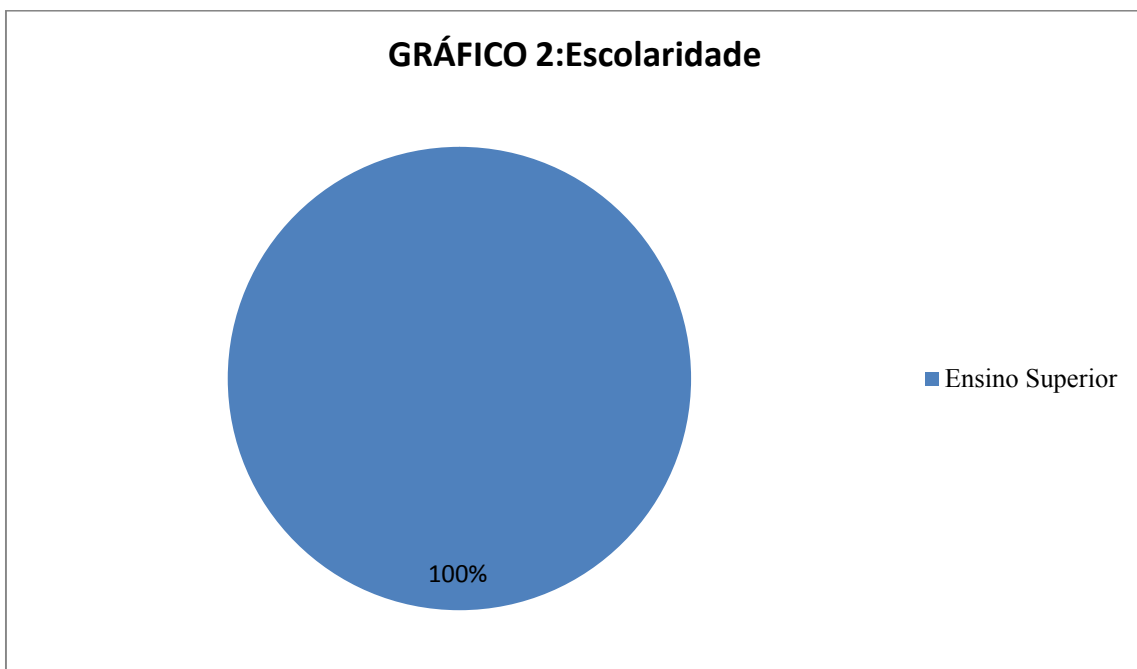
### 3.1 Resultados da pesquisa com os professores



**Gráfico 1: Gênero**

Fonte: Elaborado pela autora.

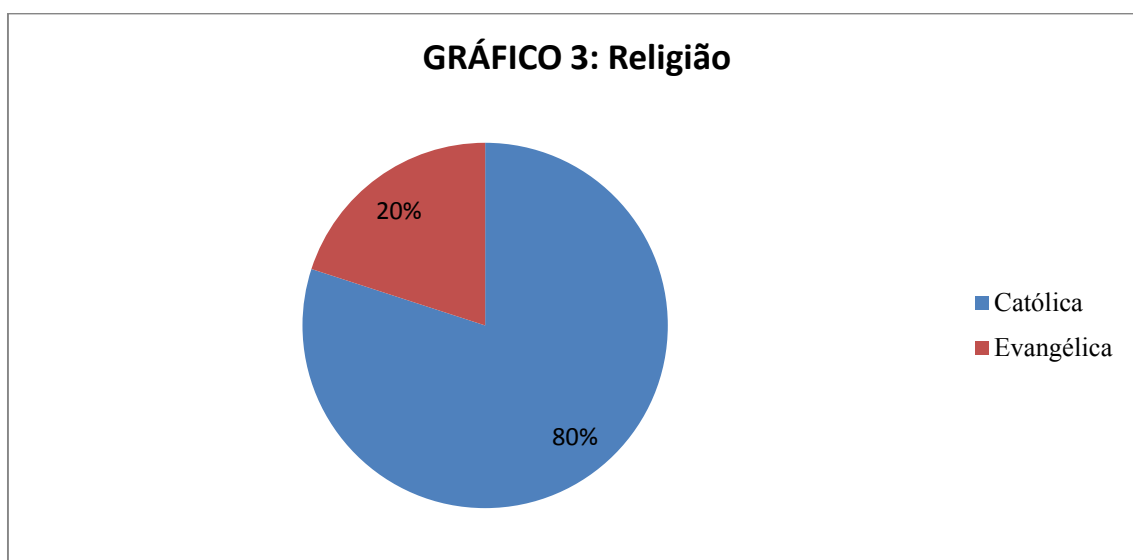
Conforme o Gráfico 1, em relação ao gênero dos entrevistados, a maioria 83% são do gênero feminino e, a minoria 17% são do gênero masculino.



**Gráfico 2: Escolaridade**

**Fonte: Elaborado pela autora.**

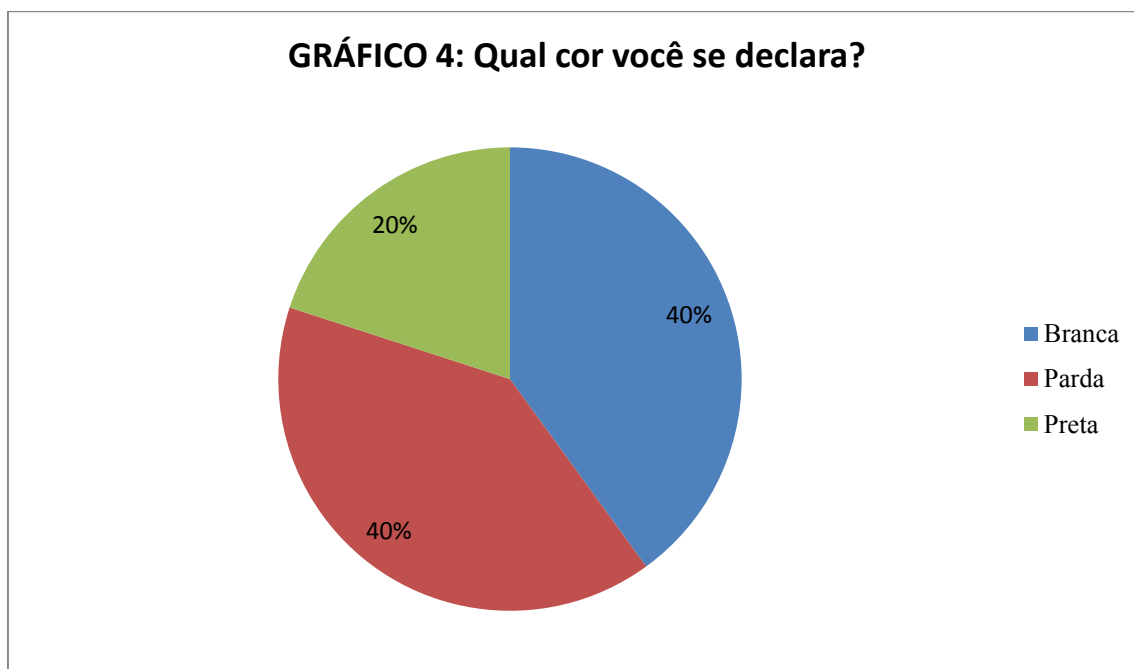
Segundo o gráfico 2 , quanto ao item de escolaridade dos docentes, a verificação foi que 100% ou seja, todos os entrevistados possui, cursos de graduação voltados a sua área de atuação história, biologia, língua portuguesa, geografia, filosofia e sociologia. Fica evidenciado o interesse dos docentes pela formação alguns já fizeram especialização pós-graduação, outros estão fazendo e outros revelaram que tem a intensão/ interesse de continuar seus estudos.



**Gráfico 3: Religião**

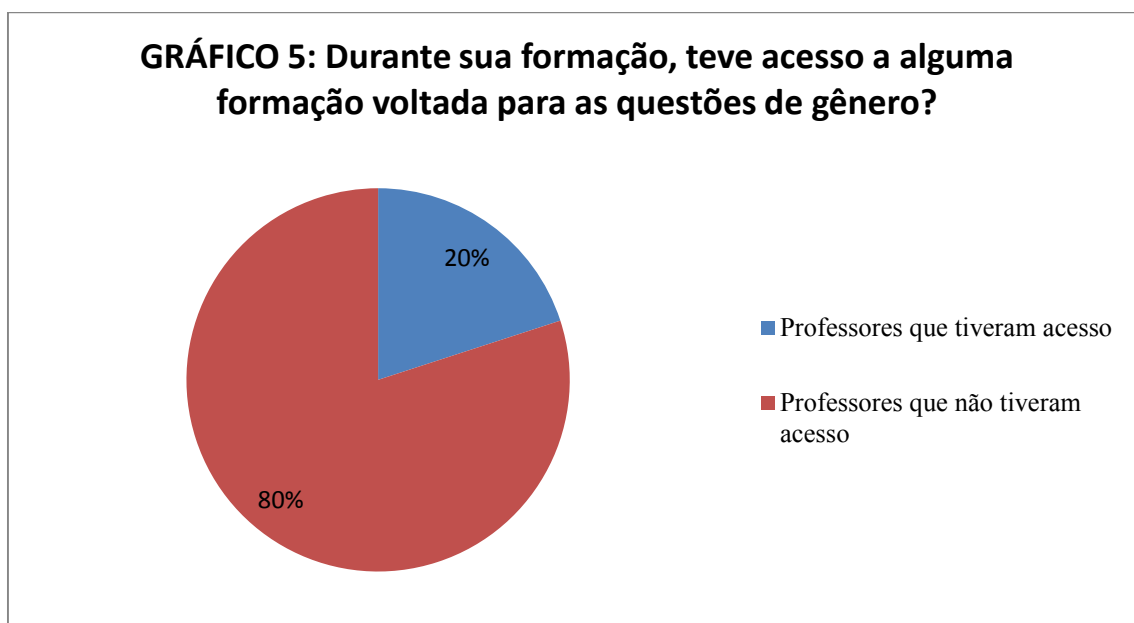
**Fonte: Elaborado pela autora**

Conforme o gráfico 3, 80% dos professores afirmaram serem de religião católica, já 20% afirmaram serem de religião evangélica. Nesta pesquisa o foco é identificar os desafios que impedem a discussão de gênero na escola e um destes desafios é a questão pautada na religião, nas falas dos entrevistados que será mostrada no capítulo 3 especula que a religião é um dos desafios de trabalhar em sala de aula essas questões de gênero não somente pelo fato dos professores seguirem estas religiões mas porque esse fato influencia na escolha de quais assuntos e temas podem/vão ser abordados em sala de aula e na escola em si.



**Gráfico 4: Qual cor você se declara?**  
**Fonte: Elaborado pela autora.**

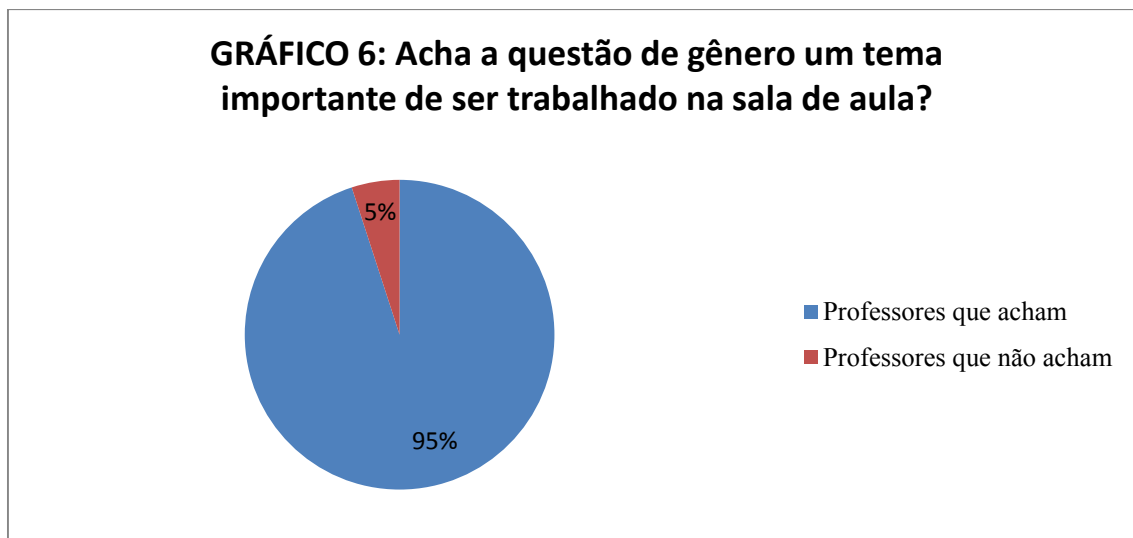
Segundo o gráfico 4, 40% dos professores declararam serem de cor branca, outros 40% se declararam serem de cor parda e 20% se declararam serem de cor preta.



**Gráfico 5: Durante sua formação, teve acesso a alguma formação voltada para as questões de gênero?**  
**Fonte: Elaborado pela autora.**

Segundo o gráfico 5, 20% dos professores entrevistados relataram que tiveram acesso durante sua formação profissional a uma formação voltada para as questões de gênero. Enquanto 80% dos professores falaram que não tiveram acesso a uma formação voltada para as questões de gênero. Na pesquisa em si foi possível averiguar que um dos desafios de

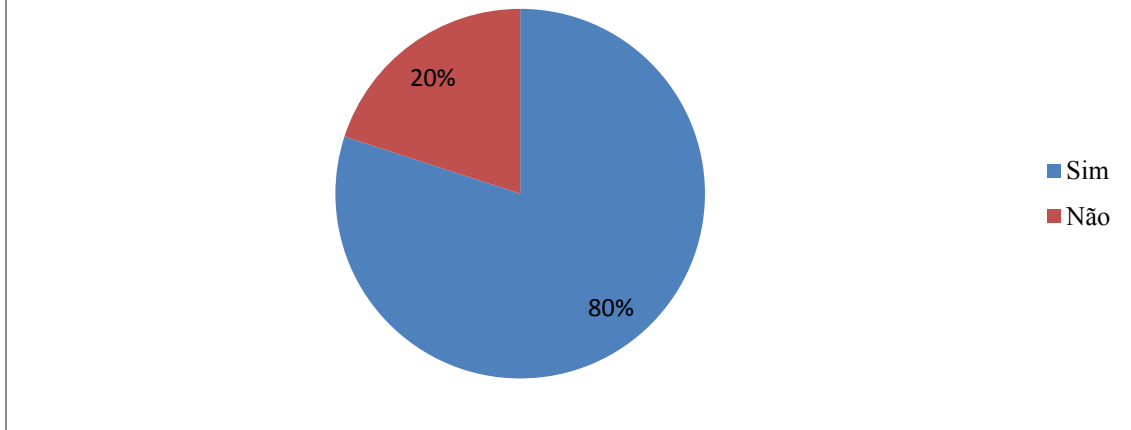
promoção da equidade é a falta de uma formação aos professores com o objetivo de trabalhar os temas transversais, no gráfico acima ficou nítido que poucos tiveram acesso e esse fato de certo modo enriquece a preparação destes profissionais.



**Gráfico 6: Acha a questão de gênero um tema importante de ser trabalhado na sala de aula?**  
**Fonte: Elaborado pela autora.**

Segundo o gráfico 6, 95% dos professores entrevistados acham a questão de gênero um importante tema a ser trabalhado na sala de aula, já 5% não acha a questão de gênero um tema importante de ser trabalhado na sala de aula. A maioria dos professores acham a questão de gênero um tema importante fica aqui certo questionamento no gráfico 4 concluiu se que só 20% dos professores tiveram acesso a uma formação, mas que mesmo assim concordam que este tema é importante. Desse modo por não terem muito conhecimento sobre o conteúdo como foi falado no primeiro capítulo muit@ professor@ ainda tratam as desigualdades de gênero como algo natural, mostrando-se não motivados em promover atividades que possam ser trabalhadas a diversidade em sala de aula.

**GRÁFICO 7: No caso de desenvolvimento de uma proposta da questão na escola, haveria apoio da direção e dos demais colegas?**

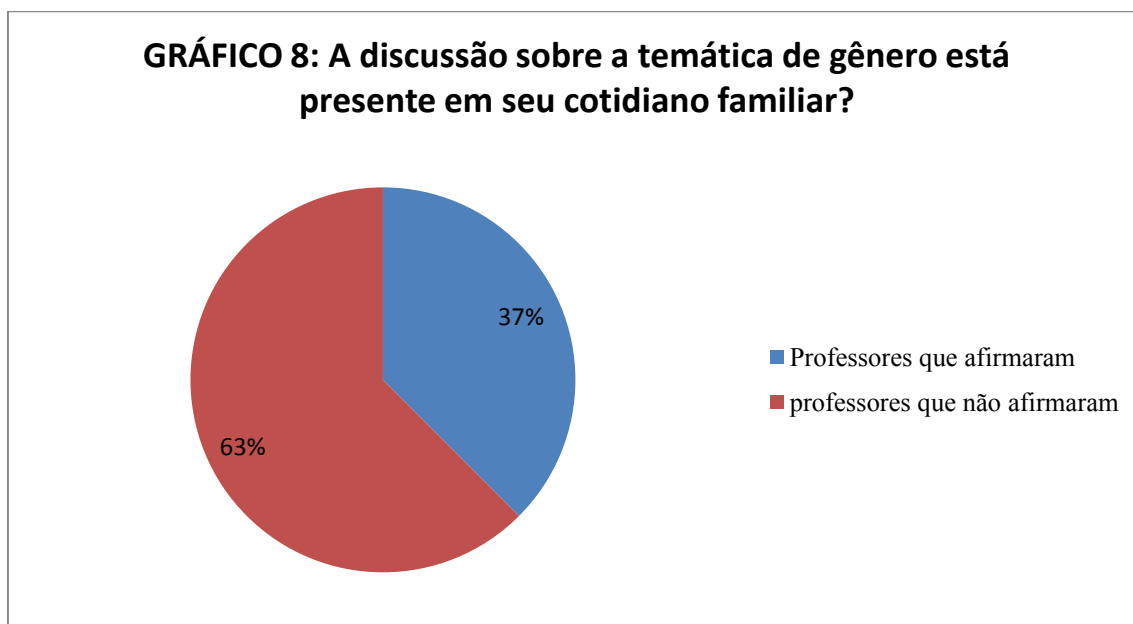


**Gráfico 7: No caso de desenvolvimento de uma proposta da questão na escola, haveria apoio da direção e dos demais colegas?**

**Fonte: Elaborado pela autora.**

Conforme o gráfico 7, 20% dos entrevistados responderam que não haveria apoio por parte da direção da escola e dos demais colegas professores. Vale ressaltar que alguns destes não estavam ainda na instituição no período que foi produzido o projeto que a professora Diamante foi uma das idealizadoras. Mas 80% responderam que haveria sim apoio por parte da comunidade escolar, isso é revelador porque já houve a discussão dos temas transversais devido o desenvolvimento do projeto que contemplava essas questões e também pela a realizações de projetos frutos do PROEMI e também porque agora o currículo da escola e do estado abrangem as temáticas transversais. Nesse caso é necessário que haja mais abrangência dos debates e o incentivo da comunidade em si em trazer para o dia a dia conteúdos como racismo, machismo, direitos sobre cidadania, gênero dentre outros.





**Gráfico 8: A discussão sobre a temática de gênero está presente em seu cotidiano familiar?**

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Segundo o gráfico 8, 37% dos professores responderam que a discussão sobre a temática de gênero está presente em seu cotidiano familiar. Enquanto 63% falaram que discussão sobre a temática de gênero não está presente em seu cotidiano familiar. Percebemos a grande diferença entre os que afirmaram que há a discussão no cotidiano e os que confirmaram que não há. Numa fala de uma aluna que achei significante pontuar e que foi mencionada no primeiro capítulo a mesma pontua que os docentes precisam estar com a mente mais aberta para conversar com os discentes. E também outro ponto foi que alguns dos próprios entrevistados mencionaram que não comentam ou não trabalham o tema por não terem muito conhecimento em relação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola/professor@ são fundamentais para que ocorra a desmitificação dos estereótipos relacionados aos debates de gêneros. Desse modo com esta pesquisa buscamos analisar os possíveis desafios existentes na prática de ensino no Centro Maria Águida com o intuito de compreender de que maneira a falta do debate sobre gênero nas escolas representa um empecilho na promoção da equidade de gênero. Para isto teve-se a necessidade de expor alguns argumentos relacionados às discussões de gênero na escola, buscando-se perceber e compreender os posicionamentos dos professores em sala de aula.

Partindo das leituras bibliográficas compreende-se que as escolas, ainda tratam a questão de gênero de maneira velada. É importante destacar que há uma enorme necessidade de ampliar as informações e debates para que não seja repassada como algo informativo. E através desta pesquisa, observamos que é preciso debater com mais amplitude políticas públicas da inclusão do tema gênero nos currículos das escolas e projetos que ofereçam formação específica para os professores.

A escola conjuntamente com os docentes, por serem profissionais do conhecimento, são essenciais para a produção da cidadania, mas precisam estarem dispostos a reconhecerem a diversidade de cada alun@. Nesse caso, é importantíssimo que os docentes façam uma formação específica para trabalharem gênero na escola.

Ao debruçamos sobre diferentes textos de Guacira Louro, dentre outros autores nos serviu como referência teórica- metodológica para realizar a pesquisa com os docentes. Na escola campo foi possível observar que a maioria dos professores entende que gênero é algo construído a partir das nossas relações interpessoais, alguns por não possuírem ideias do assunto sentem certa dificuldade de poder abordá-lo. Pelas entrevistas alguns deixaram destacado em suas respostas que procuram trabalhar com equidade ressaltando que tantos os homens como as mulheres devem ter direitos iguais e valorização, até porque gênero não determina a capacidade de cada individuo. Outros em suas falas apesar de saberem o significado não colocam em suas práticas cotidianas. Vale ressaltar as respostas dos professores Critino, Diamante, Topázio que se constata que estes já possuem mais conhecimentos sobre o assunto em relação aos demais professores mostrando-os assim como, mas preparados a já estarem ministrando esses conteúdos em sala de aula.

Analisando a maioria das percepções dos professores e suas práticas quanto ao tema em lidarem com manifestações concretas de gênero, eles realmente não sabem como fazer. Confessam que devido às lacunas no processo de formação por não terem tido acesso a uma formação voltada para discussões de gênero. Demostram- se ineficientes para lidarem com

situações desta natureza. E ao mesmo tempo destacam que seria importante trabalharem com o objetivo de poderem lidar com temas tão pertinentes com os seus alunos e como citou o professor Tópazio Azul é importante realizar a discussão do tema no intuito de que não fique somente exposto nos PCNs, mas aos olhos do cotidiano escolar.

De acordo com vários teóricos e estudos já realizados e também observando os dados da pesquisa os desafios referentes à abordagem de gênero na escola são diversos e inúmeros, a abordagem aparece raramente nos livros didáticos, muitos professores concordam serem a favor da discussão, mas ao mesmo tempo não se acham aptos a realizarem a discussão, alguns falam que é desnecessário o assunto em sua disciplina, outros opinam em dizer que é uma abordagem polêmica, nas escolas em si há a existência de diversas dinâmicas que favorecem a reprodução da desigualdade, raramente encontramos a inclusão de gênero nos currículos das escolas, os espaços de ensino se configuram de maneira generada, determinados professores não concordam com a abordagem devido suas crenças religiosas nesse ponto ganha destaque a fala do professor Euclásio que justificou suas opiniões a partir de sua visão religiosa, falta de formação inicial na graduação para os professores, falta de contato com o tema na graduação dentre outros desafios.

Assim devemos salientar que a escola como produtora de implicações sociais, subjetivas tem grande chance de colaboração na transmissão dos conteúdos obtidos prevalecendo à superação de preconceitos, estereótipos, desigualdade através de discursos que não possam reforçar a ideia que o masculino é sempre superior ao feminino, mas que entrelace as mesmas condições para ambos.

A finalidade da pesquisa foi a de justamente identificar os desafios que dificultam este direito das meninas serem o que são e da importância que os docentes e a comunidade escolar têm para atuarem neste campo da pesquisa.

Mas para que isso acontecer é necessário que haja a incorporação de discussões de gênero na escola, nas salas de aulas, realizar leituras precisas dos livros didáticos, os profissionais repensem sobre suas práticas e posicionamentos, desenvolver e trabalhar assuntos que abordem a diversidade, sexualidade, identidade de gênero. Contribuindo assim para um ensino pautado nos valores democráticos.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Denise. Outras falas sobre gênero e sexualidade na escola. **Revista Periódicus**. Salvador, v. 1, n. 2, p. 19-27, 2014.

AUAD, Daniela; RAMOS, Maria Rita Neves; SALVADOR, Raquel Borges. **Educação, emancipação e feminismos possíveis: um olhar histórico sobre a igualdade de gênero na escola**. Revista Educação e Emancipação, São Luís, v. 10, n. 4, ed. especial, set./dez.2017.

BRASIL, ABA (Associação Brasileira de Antropologia). **Código de ética do antropólogo e da antropóloga**. Brasília/DF: UnB, 2012.

BRASIL, PCN – **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Apresentação dos temas transversais MEC, Secretaria de Educação do Ensino Médio. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. [Plano Nacional de Educação (PNE)]. **Plano Nacional de Educação 2014-2024** [recurso eletrônico] : Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. – 2. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.

BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão**. Petrópolis, Vozes, 1985.

BOURDIEU, Pierre (1999). **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil

BOURDIEU, Pierre, 1930-2002 **A dominação masculina**/Pierre Kühner. - 11º ed. - Rio de Janeiro . tradução Maria Helena Bertrand Brasil, 2012.

BUTTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

**Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Ministério de Educação/Câmara de Educação Básica CNE/CEB Nº: 5/2011.

\_\_\_\_\_. Ministério de Educação/Câmara de Educação Básica CNE/CEB Nº: 2/2012.

FONSECA, J.J.S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 16 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade III**: O cuidado de si. 7 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

GOULARTH, Isabela dos Reis. **A Sociologia no Ensino Médio**: análise das diretrizes nacionais e construção do currículo mínimo no Rio de Janeiro. Monografia. 64p. Curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro 2014.

HAHNER, June E. **Escolas mistas, escolas normais: a coeducação e a feminização do magistério no século XIX**. **Revista Estudos Feministas** [online]. , v.19, n.2, p. 467-474, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Mulheres nas salas de aulas.** In Priore, M. (org.) História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

\_\_\_\_\_. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Trad. por Tomaz Tadeu Silva. 2º ed. Belo Horizonte: Autentica 2007.

\_\_\_\_\_. **Questões para a educação. Gênero, democracia e sociedade brasileira.** São Paulo: FCC, 2002.

\_\_\_\_\_. Gênero e Sexualidade. As **múltiplas “verdades” da contemporaneidade.** Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 17, 2008.

MACHADO, Igor José de Renó. **Sociologia Hoje.** – 1. Ed. – São Paulo: Ática, 2013.

MARANHÃO. Governo do Estado. Escola Digna: **caderno de orientações pedagógicas- Sociologia como componente curricular.**/ Secretaria de Estado da Educação. –São Luís, 2017.

\_\_\_\_\_.Governo do Estado. Escola Digna: **caderno de orientações pedagógicas- para o ano letivo de 2016.**/ Secretaria de Estado da Educação. –São Luís, 2016.

MOITA LOPES, L.P. **Identidades fragmentadas:** a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

ORIANI, Valéria Pall. **Relações de gênero e sexualidade na educação infantil: interfaces que envolvem as práticas pedagógicas** / Valéria Pall Oriani. – Marília, 2015

PLAN, I. B. **Caderno de atividades do desafio da desigualdade.** São Paulo, 2016.

REIS, Neilton dos; Goularth, Isabela, dos Reis. **Questões de gênero no ensino médio: Interfaces em Sociologia, Biologia e Interdisciplinaridade.** Revista Café com Sociologia, volume 6 n° 1 janeiro/abril 2017.

\_\_\_\_\_. Neilton dos. **Diversidade de gêneros e Ensino de Biologia:** casos de prazeres e corporeidade não-binários. Monografia. 105p. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2015

RIBAS, Cíntia Cargnin Cavalheiro; FONSECA, Regina Célia da. **Manual de metodologia. Opet.** Curitiba, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidades terminais** : as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis: Vozes, 1996.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade,** Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99, 1995.

SCOTT, Parry; LEWIS, Liana; QUADROS, Marion Teodósio de. **Gênero, diversidade e**

**desigualdades na Educação:** interpretações e reflexões para a formação docente. Recife: Editora Universitária UFPE, 2009.

SCHUELER, Alessandra F. Martinez de. **Crianças e escolas na passagem do Império para a República.** Rev. bras. Hist. vol.19 n.37 São Paulo Sept. 1999.

TRIVINOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1978.

VEIGA NETO, ALFREDO. **De Geometrias, Currículo e Diferenças** IN: Educação e Sociedade, Dossiê Diferenças-2002

VIGANO, Samir de Moraes Maia; LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. **As violências sexuais e de gênero: processos de exclusão vivenciados no espaço escolar.** Revista Café com Sociologia, volume 6 n° 1 janeiro/abril 2017.

## APÊNDICE



**Universidade Federal do Maranhão – UFMA**  
**Campus de São Bernardo**  
**Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia**

**Apêndice A:****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa intitulada “**O contexto educacional de Esperança**” desenvolvida pela acadêmica /pesquisadora **Danielle Pereira Carvalho** e permito que seja geradas informações a partir da nossa interlocução pra fins de pesquisa científica.

Autorizo que o material e informações obtidas possam ser publicados em aulas, seminários, congressos, palestras ou períodos científicos. Porém, não deve ser identificado por nome em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As informações e dados ficarão em propriedade do pesquisador pertinente ao estudo e, sob a guarda do mesmo.

Esperança, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Nome completo do pesquisado

---

Assinatura do pesquisado

**Universidade Federal do Maranhão – UFMA**  
**Campus de São Bernardo**  
**Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia**

**Apêndice B:**

Questionário da entrevista

1. Gênero ( ) Feminino ( ) Masculino ( ) Outros
2. Idade
3. Estado Civil
4. Escolaridade
5. Cor
6. Qual sua religião?
7. Em qual série você atua como professor (a)?
8. Qual (is) disciplina(s) você ministra?
9. É a única escola que você trabalha?
10. Já ouviu falar sobre gênero? Em que contexto?
11. O que você entende por gênero?
12. Acha a questão de gênero um tema importante a ser trabalhado em sala de aula?
13. Os parâmetros curriculares nacionais destacam a importância de se trabalhar com essa temática de forma transversal, qual sua opinião sobre isso?
14. Quais os desafios de se trabalhar com a questão de gênero na sala de aula e na educação básica nos dias atuais?
15. Quais os desafios de se trabalhar com a questão de gênero no município de Esperança, mais especificamente na escola em que você trabalha?
16. No caso de desenvolvimento de uma proposta da questão na escola, haveria apoio da direção e dos demais colegas?
17. Durante a sua formação profissional, teve acesso a alguma formação voltada para o ensino da questão de gênero?
18. A discussão sobre a temática de gênero está presente em seu cotidiano familiar?
19. O que você entende como machismo?
20. O que você entende como feminismo?
21. Para você, a sociedade é machista? Por que sim ou por que não?